

Pesquisa Nacional de Violência contra a Mulher 2025

Resultados de Santa Catarina

O [Instituto de Pesquisa DataSenado](#), em parceria com o [Observatório da Mulher contra a Violência](#), lançou a 11ª edição da Pesquisa Nacional de Violência contra a Mulher. A pesquisa bienal acompanha a percepção das mulheres brasileiras sobre a violência doméstica e familiar há 20 anos, desde 2005. Naquele ano, a primeira edição do levantamento serviu de subsídio para a formulação da Lei Maria da Penha, sancionada em 2006, marco no combate à violência contra a mulher no Brasil e referência mundial. Essa também foi a primeira pesquisa realizada pelo DataSenado. Desde então, o Instituto entrevistou mais de 4,7 milhões de cidadãos por meio de mais de 500 pesquisas sobre temas diversos, como apoio à democracia, demandas da população para o parlamento, direitos das pessoas idosas e impacto de notícias falsas.

Ao longo de duas décadas, a pesquisa sobre violência contra a mulher evoluiu para captar não apenas a percepção, mas também a vivência das mulheres brasileiras, refletindo mudanças sociais e políticas. Temas como raça, gênero e tecnologia foram incorporados, assim como maior atenção à rede de proteção e aos recursos disponíveis para combater a violência, como as Medidas Protetivas de Urgência. Até hoje, a pesquisa já entrevistou 56.085 mulheres, tornando-se a maior e mais longa série histórica sobre o tema no Brasil.

Método¹

As amostras do DataSenado são totalmente probabilísticas. Nas entrevistas, são feitas perguntas que permitem estimar a margem de erro para cada um dos resultados aqui divulgados, calculados com nível de confiança de 95%. Dessa forma, não existe uma única margem de erro para toda a pesquisa, aproximação usual em pesquisas que não são totalmente probabilísticas. Não obstante, considerando todas as estimativas para tabelas simples, sem cruzamentos, tem-se que, em média, a margem de erro observada nas estimativas de Santa Catarina foi de 2,31%, com desvio padrão de 1,61%. As entrevistas foram realizadas por meio de ligações para telefones fixos e móveis, com alocação uniforme por estados e Distrito Federal.

¹ Ver descrição detalhada do [método da pesquisa](#)

Introdução

A 11ª edição da Pesquisa Nacional de Violência contra a Mulher entrevistou 801 mulheres de 16 anos ou mais em Santa Catarina. Em linhas gerais, o que se pode afirmar é que os resultados no estado vieram muito semelhantes aos que foram observados no país como um todo, sem diferenças estatisticamente significativas.

Do total, 29% declararam ter sofrido violência doméstica ou familiar provocada por um homem em algum momento da vida (no Brasil, 27%). Entre as mulheres que sofreram violência, 14% afirmaram conviver com a pessoa que as agrediu, contra 17% no país como um todo.

No estado, 44% das entrevistadas consideram que as mulheres são menos respeitadas na rua (49% no Brasil). A percepção de que a violência doméstica e familiar aumentou nos últimos doze meses alcança 75% das mulheres, resultado semelhante ao brasileiro (79%) quando consideradas as margens de erro. Sobre a denúncia de agressões, 65% acreditam que as mulheres denunciam “na minoria das vezes”, proporção próxima à média brasileira (63%).

Santa Catarina apresenta níveis elevados de conhecimento sobre serviços de atendimento às mulheres. A Delegacia da Mulher é conhecida por 95% das entrevistadas, proporção semelhante à nacional (93%). O conhecimento sobre o Ligue 180 atinge 74%, próximo ao observado no país (76%). A Lei Maria da Penha é muito conhecida por 25% das residentes no estado (no Brasil, 21%). Apenas no que diz respeito ao conhecimento da Casa da Mulher Brasileira, o resultado de Santa Catarina se encontra estatisticamente abaixo do percentual nacional (31% e 38%, respectivamente).

Entre as mulheres que sofreram violência provocada por um homem, os tipos mais citados foram a violência psicológica (87%) e a moral (85%), proporções semelhantes às observadas no país (88% e 81%, respectivamente). Em 62% dos casos, o agressor era marido ou companheiro, percentual idêntico ao nacional (62%). Além disso, 70% relataram que a violência impactou o convívio com outras pessoas, e 69% afirmaram que ela afetou sua rotina diária.

PERCEPÇÃO GERAL DA VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES

Para 35% das catarinenses, as mulheres não são tratadas com respeito no Brasil e, para a maioria, é na rua que são menos respeitadas.

GRÁFICO 1

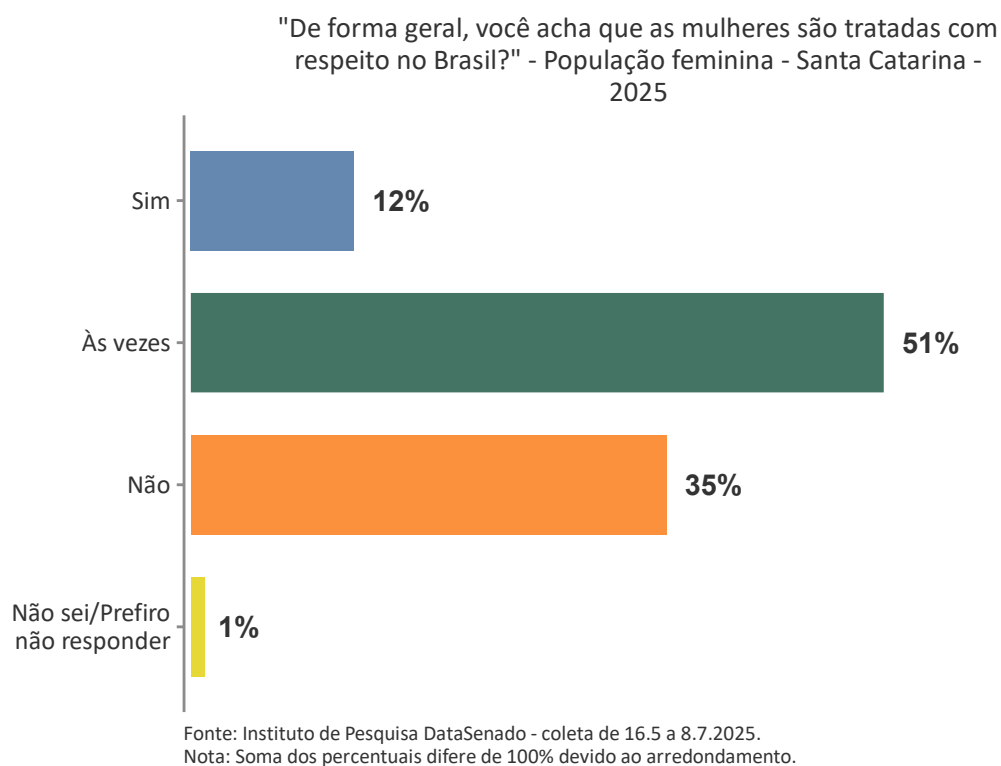
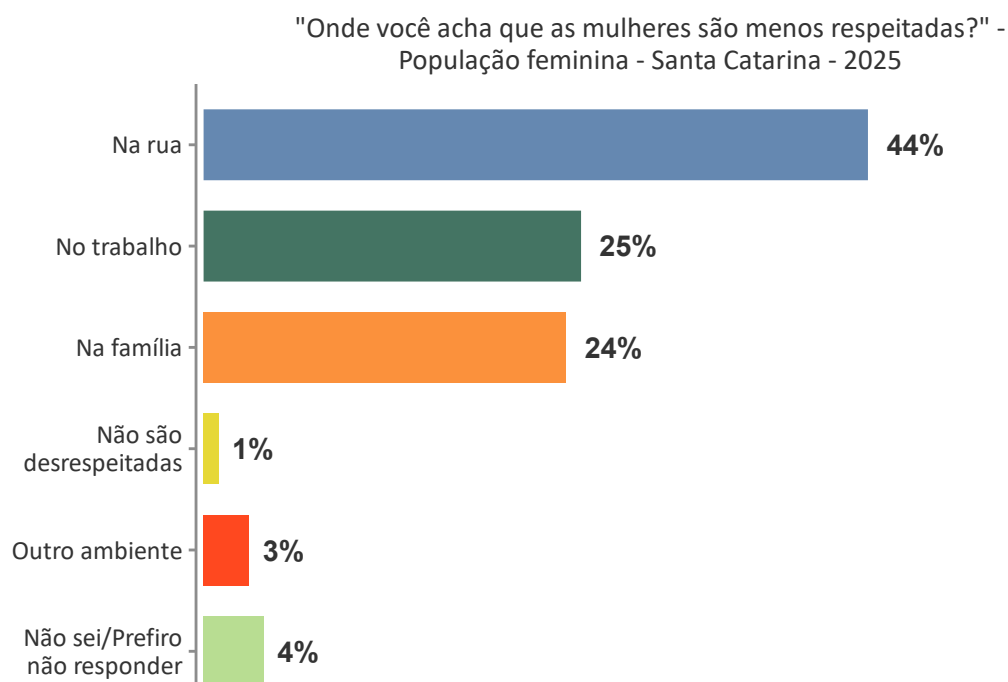


GRÁFICO 2

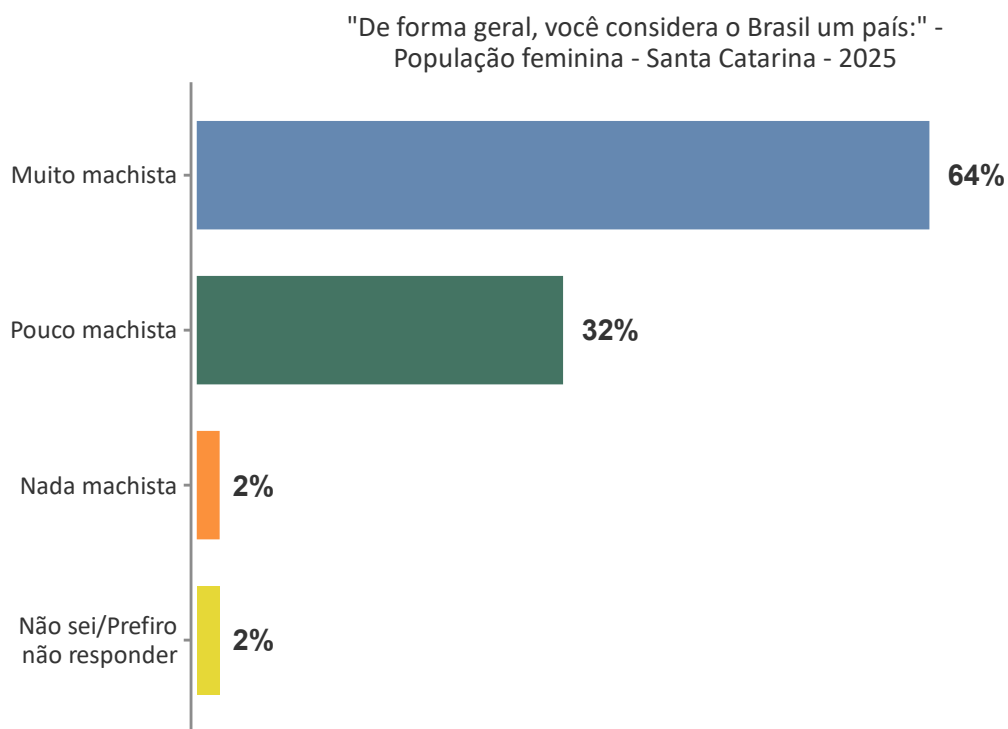


Fonte: Instituto de Pesquisa DataSenado - coleta de 16.5 a 8.7.2025.

Nota: Soma dos percentuais difere de 100% devido ao arredondamento.

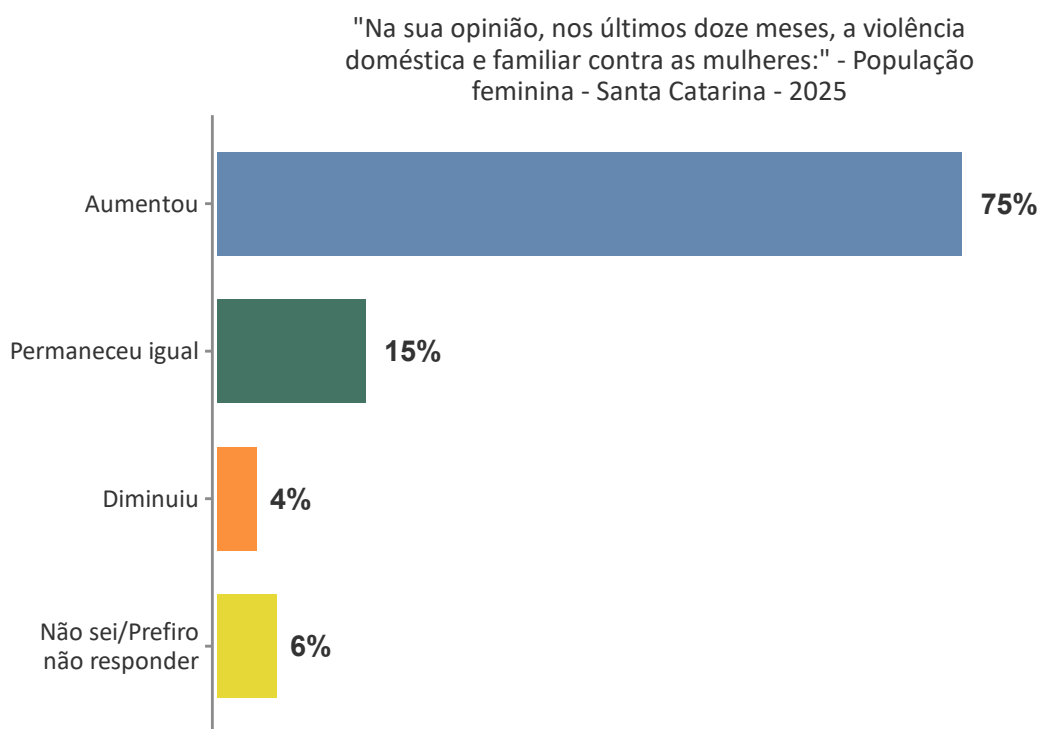
O Brasil é um país machista para 64% das mulheres de Santa Catarina, e 75% percebem aumento na violência doméstica e familiar contra mulheres.

GRÁFICO 3



Fonte: Instituto de Pesquisa DataSenado - coleta de 16.5 a 8.7.2025.

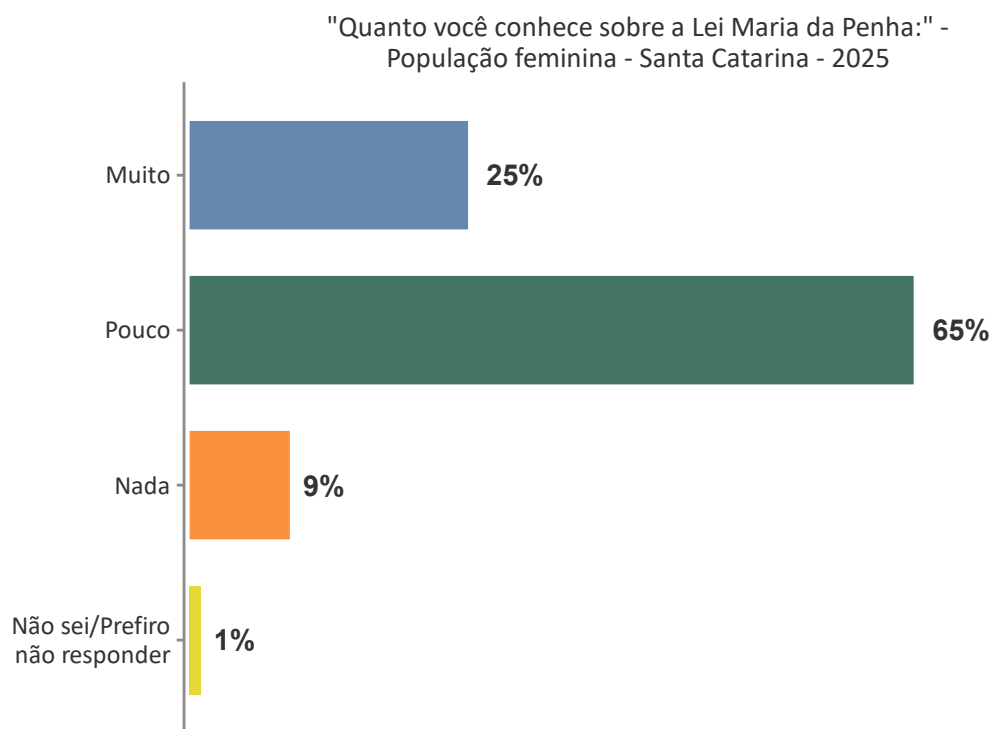
GRÁFICO 4



Fonte: Instituto de Pesquisa DataSenado - coleta de 16.5 a 8.7.2025.

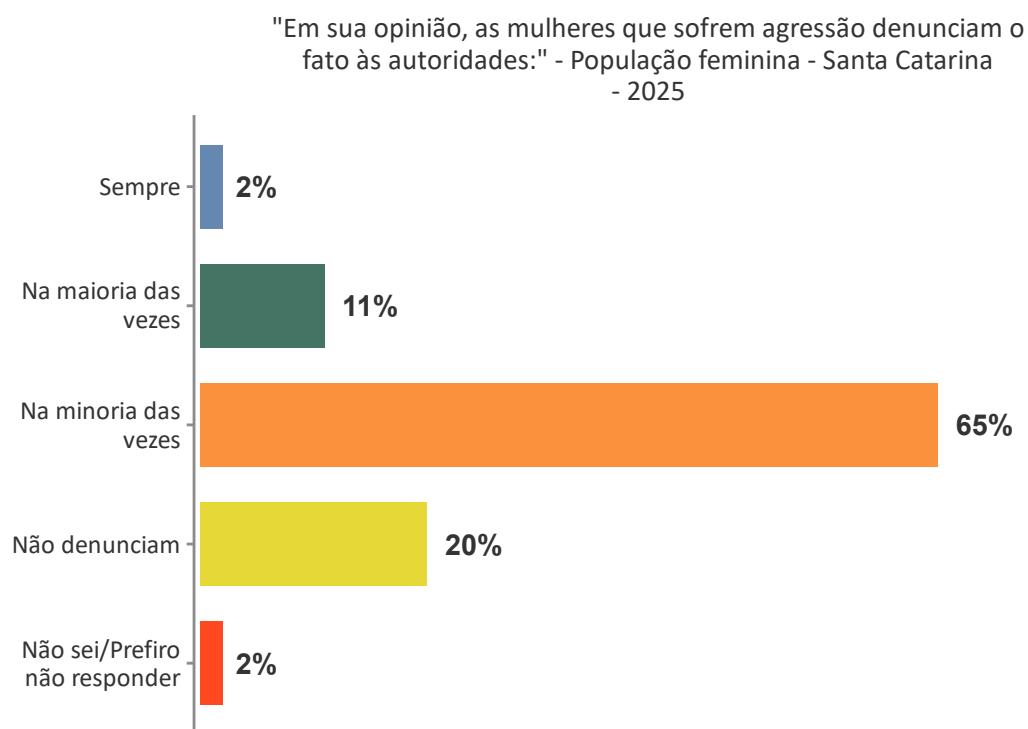
As catarinenses, em sua maioria, conhecem pouco sobre a Lei Maria da Penha, e 65% acreditam que mulheres agredidas denunciam a agressão na minoria das vezes.

GRÁFICO 5



Fonte: Instituto de Pesquisa DataSenado - coleta de 16.5 a 8.7.2025.

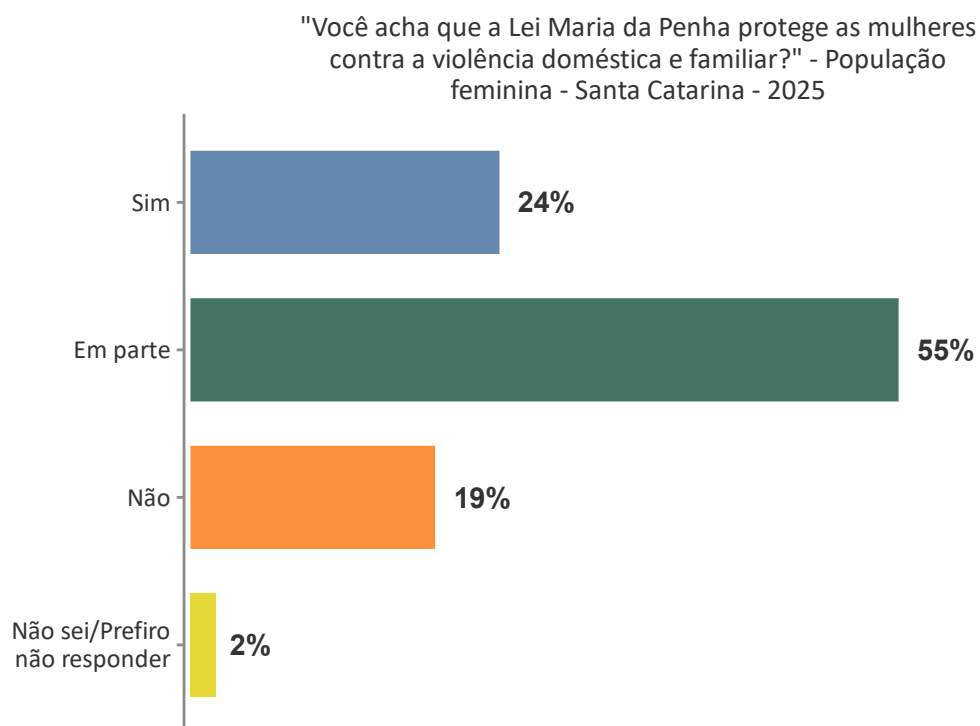
GRÁFICO 6



Fonte: Instituto de Pesquisa DataSenado - coleta de 16.5 a 8.7.2025.

Entre as mulheres de Santa Catarina, 24% acreditam que a Lei Maria da Penha as protege.

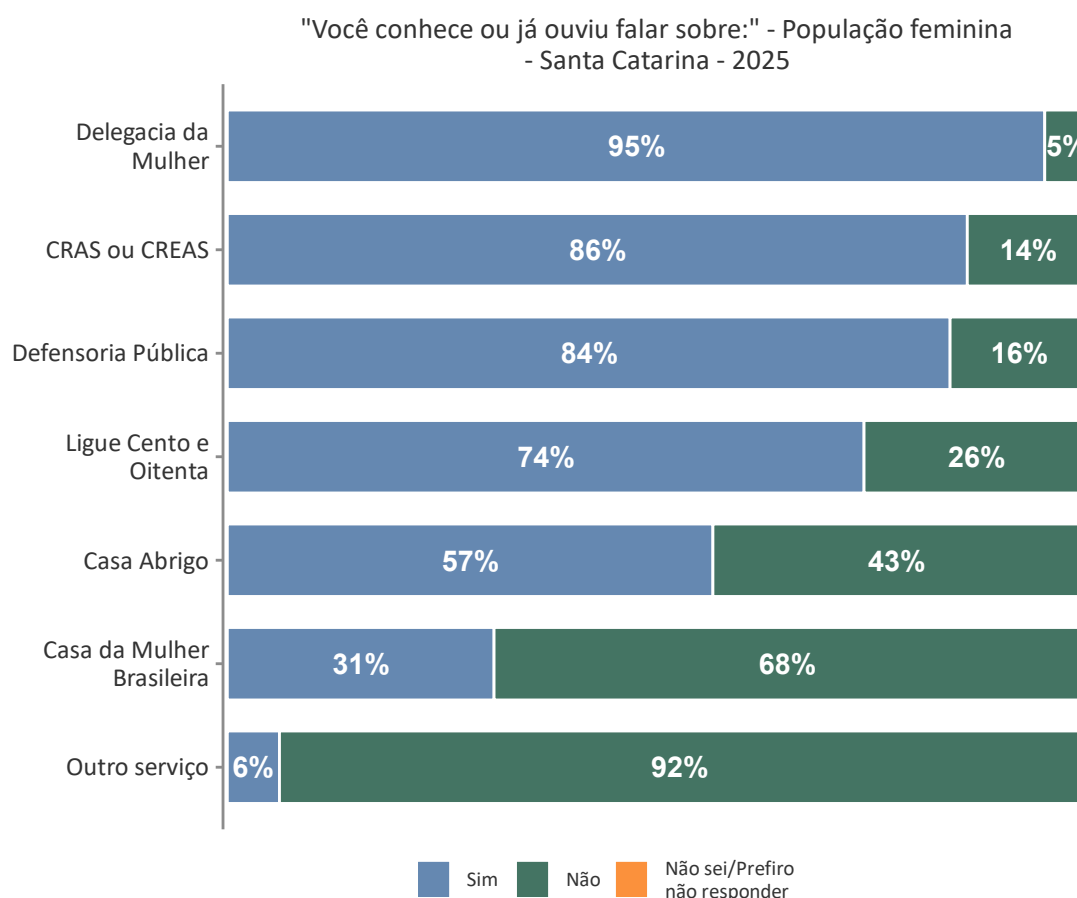
GRÁFICO 7



Fonte: Instituto de Pesquisa DataSenado - coleta de 16.5 a 8.7.2025.

Dos serviços de proteção, o que mais se ouviu falar pelas catarinenses foi “Delegacia da Mulher”, com citação de 95%.

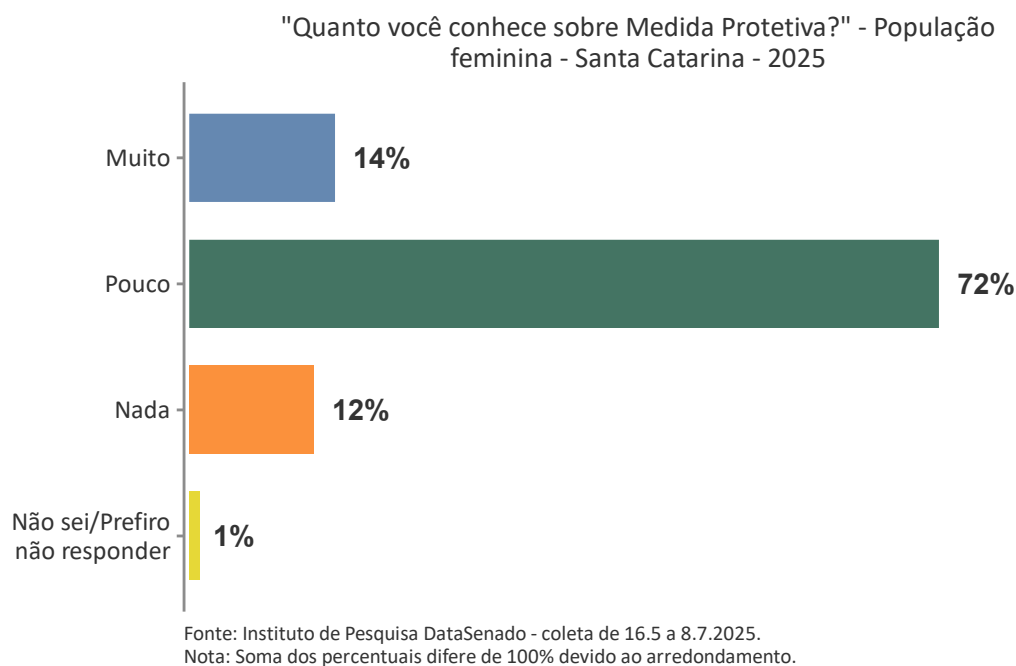
GRÁFICO 8



Fonte: Instituto de Pesquisa DataSenado - coleta de 16.5 a 8.7.2025.
 Nota: Soma dos percentuais difere de 100% devido ao arredondamento.

O conceito de medida protetiva é pouco ou nada conhecido por 84% das catarinenses.

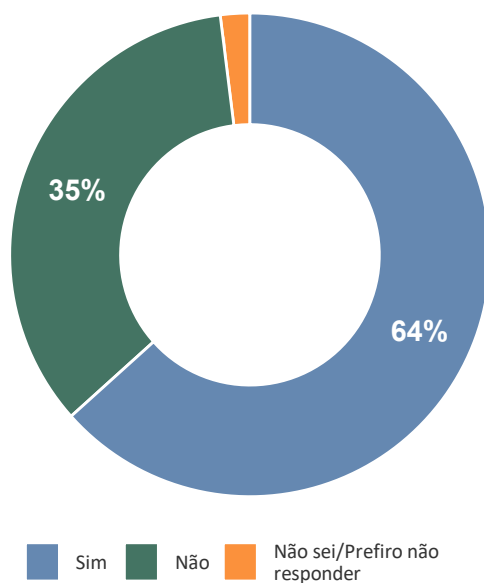
GRÁFICO 9



Em Santa Catarina, 64% das mulheres conhecem alguém próxima que já sofreu violência doméstica ou familiar.

GRÁFICO 10

"Alguma amiga, familiar ou conhecida próxima, sem ser você, já sofreu algum tipo de violência doméstica ou familiar?" - População feminina - Santa Catarina - 2025

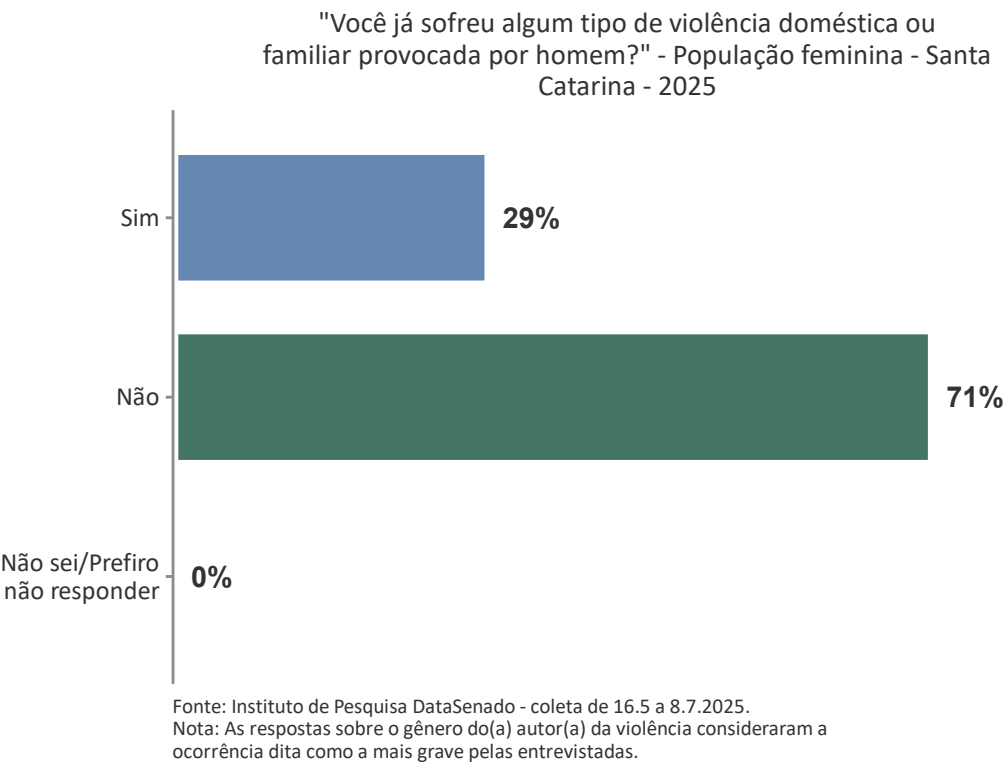


Fonte: Instituto de Pesquisa DataSenado - coleta de 16.5 a 8.7.2025.
Nota: Soma dos percentuais difere de 100% devido ao arredondamento.

VIOLÊNCIA VÍVIDA

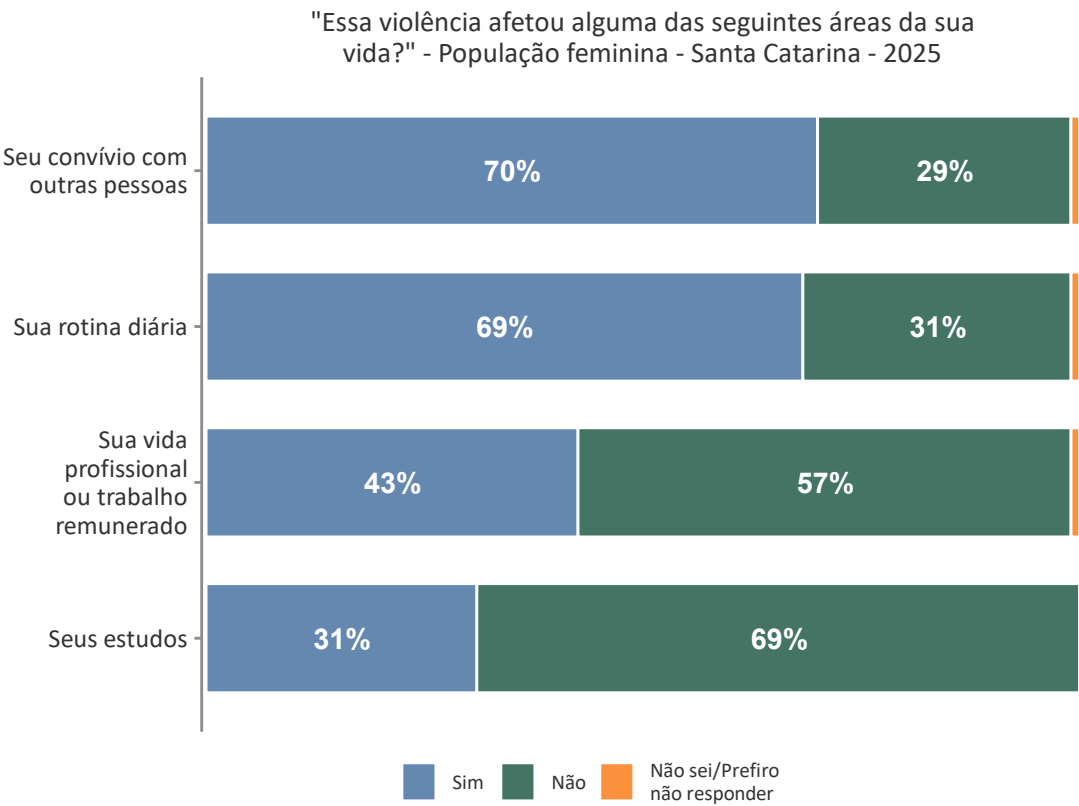
Além da prevalência da violência doméstica, o estudo buscou identificar a violência de autoria masculina. Em Santa Catarina, os dados revelam que 29% da população feminina declarou ter sofrido agressão por parte de um homem, sendo este o perfil de autoria mais frequente nos relatos de violência mais grave.

GRÁFICO 11



Quando questionadas sobre como a violência afetou suas vidas, 70% dizem que foi “Seu convívio com outras pessoas” a área mais afetada.

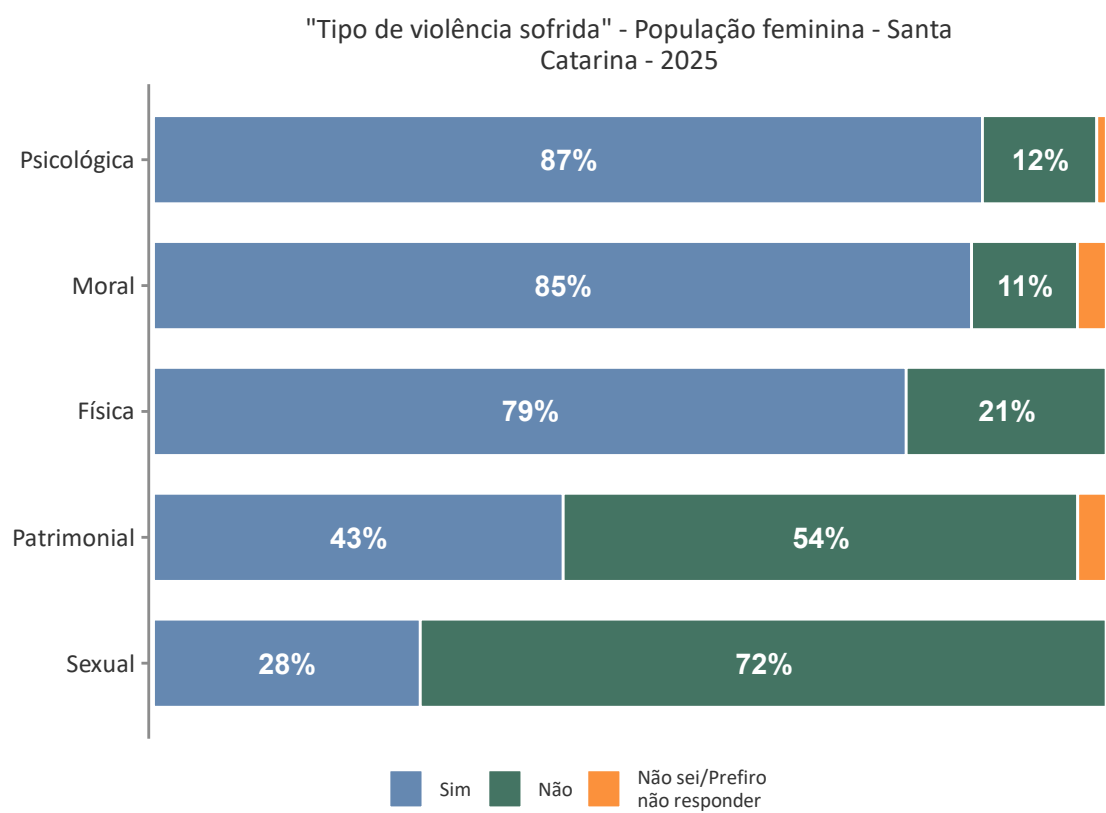
GRÁFICO 12



Fonte: Instituto de Pesquisa DataSenado - coleta de 16.5 a 8.7.2025.
Notas:
(1) Soma dos percentuais difere de 100% devido ao arredondamento.
(2) Questão respondida por quem já sofreu violência doméstica ou familiar provocada por homem. As entrevistadas responderam em relação à violência considerada por elas como a mais grave.

As violências “psicológica” e “moral” foram os tipos mais frequentes que as catarinenses sofreram.

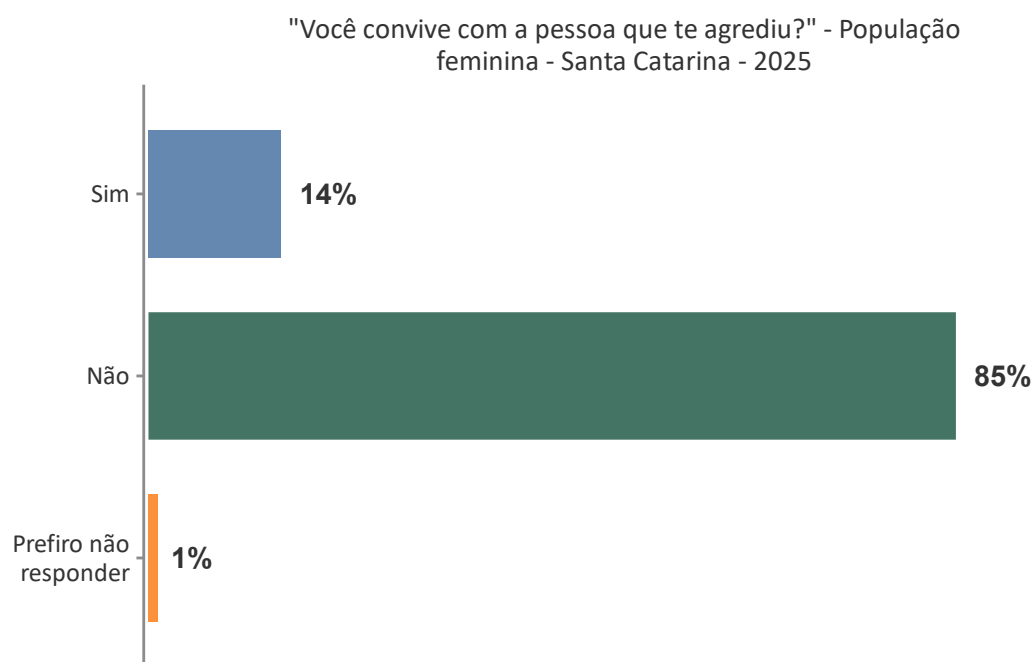
GRÁFICO 13



Fonte: Instituto de Pesquisa DataSenado - coleta de 16.5 a 8.7.2025.
Notas:
(1) Soma dos percentuais difere de 100% devido ao arredondamento.
(2) Questão respondida por quem já sofreu violência doméstica ou familiar provocada por homem. As entrevistadas responderam em relação à violência considerada por elas como a mais grave.

Entre as catarinenses que sofreram violência, 14% convivem com o agressor. E dessas, 76% moram com ele.

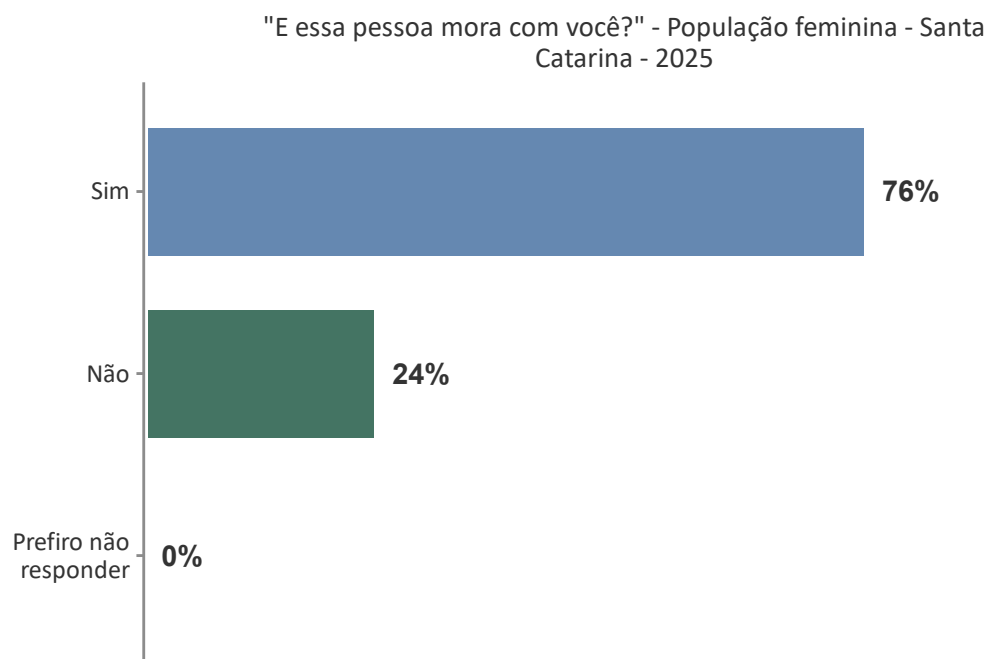
GRÁFICO 14



Fonte: Instituto de Pesquisa DataSenado - coleta de 16.5 a 8.7.2025.

Nota: Questão respondida por quem já sofreu violência doméstica ou familiar provocada por homem. As entrevistadas responderam em relação à violência considerada por elas como a mais grave.

GRÁFICO 15

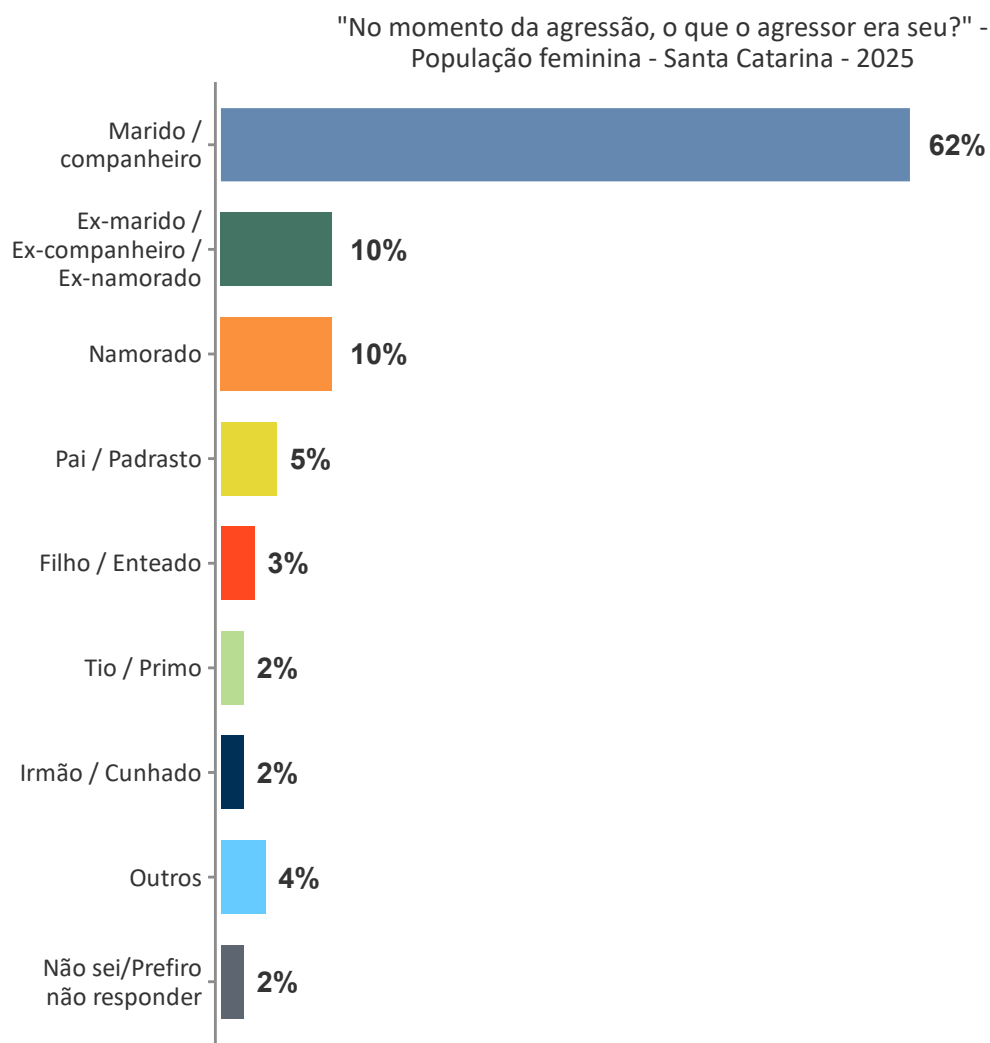


Fonte: Instituto de Pesquisa DataSenado - coleta de 16.5 a 8.7.2025.

Nota: Questão respondida por quem já sofreu violência doméstica ou familiar provocada por homem e convive com a pessoa que a agrediu. As entrevistadas responderam em relação à violência considerada por elas como a mais grave.

Para a maioria das vítimas de Santa Catarina, o agressor foi o marido / companheiro.

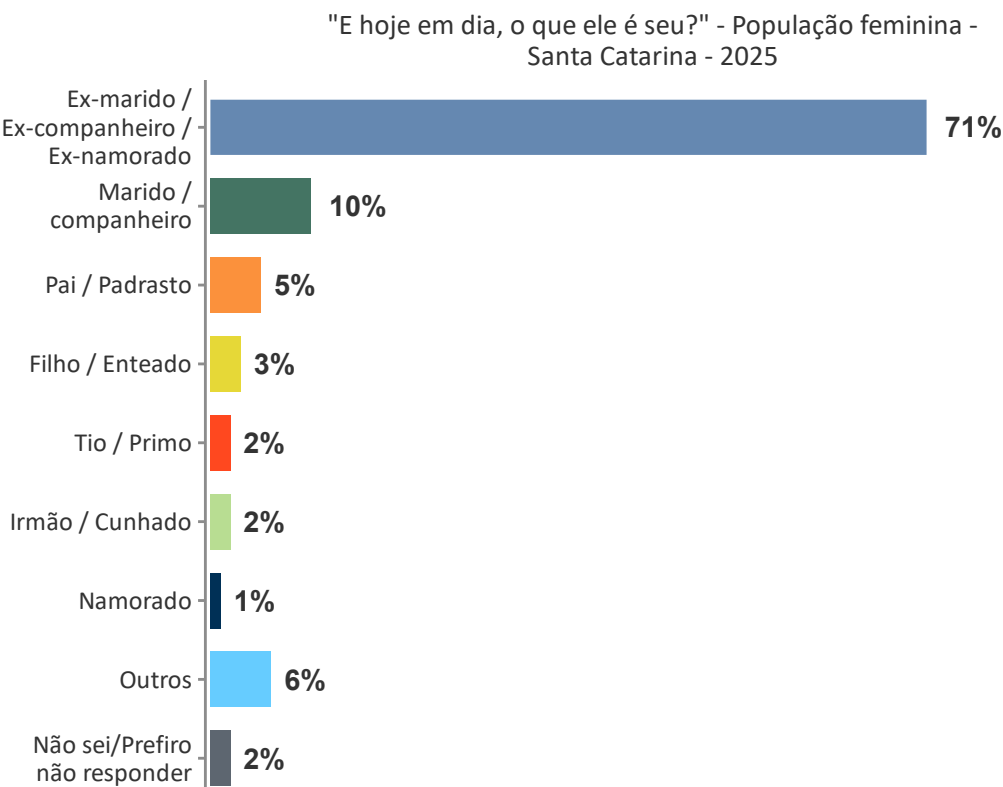
GRÁFICO 16



Fonte: Instituto de Pesquisa DataSenado - coleta de 16.5 a 8.7.2025.
Nota: Questão respondida por quem já sofreu violência doméstica ou familiar provocada por um homem. As entrevistadas responderam em relação à violência considerada por elas como a mais grave.

Atualmente, em 10% dos casos o agressor ainda é marido / companheiro da vítima.

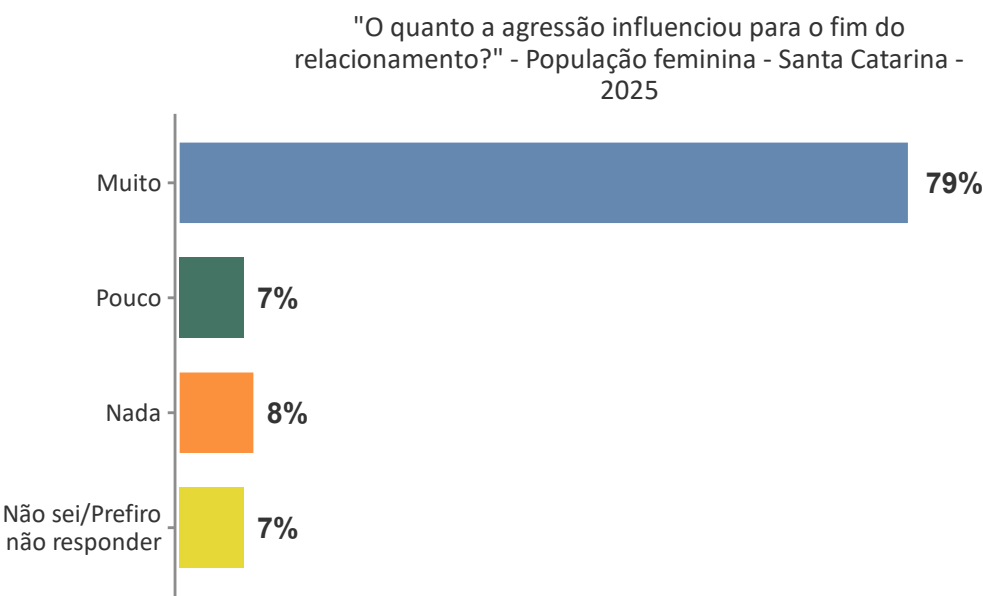
GRÁFICO 17



Fonte: Instituto de Pesquisa DataSenado - coleta de 16.5 a 8.7.2025.
Notas:
(1) Soma dos percentuais difere de 100% devido ao arredondamento.
(2) Questão respondida por quem já sofreu violência doméstica ou familiar provocada por um homem. As entrevistadas responderam em relação à violência considerada por elas como a mais grave.

Para 79% das mulheres a agressão influenciou muito o fim do relacionamento.

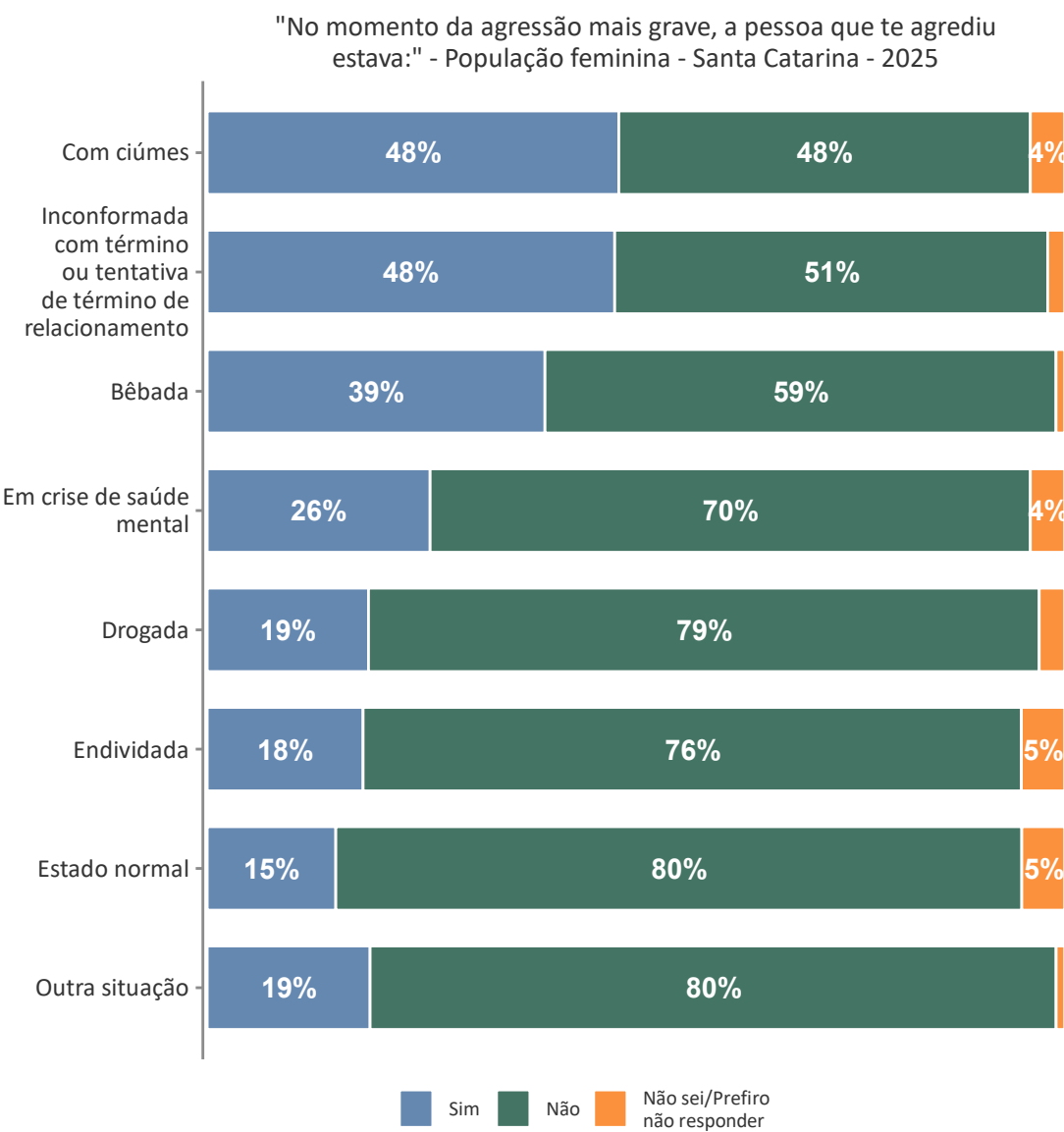
GRÁFICO 18



Fonte: Instituto de Pesquisa DataSenado - coleta de 16.5 a 8.7.2025.
Notas:
(1) Soma dos percentuais difere de 100% devido ao arredondamento.
(2) Questão respondida por quem já sofreu violência doméstica ou familiar provocada por homem e terminou o relacionamento com a pessoa que a agrediu. As entrevistadas responderam em relação à violência considerada por elas como a mais grave.

O fato da pessoa agressora estar com ciúmes e inconformada com término ou tentativa de término de relacionamento foi identificado pelas vítimas como os dois estados mais frequentes no momento da agressão mais grave.

GRÁFICO 19

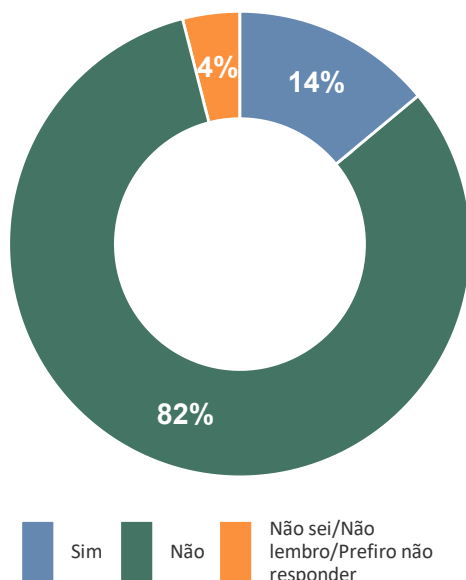


Fonte: Instituto de Pesquisa DataSenado - coleta de 16.5 a 8.7.2025.
Notas:
(1) Soma dos percentuais difere de 100% devido ao arredondamento.
(2) Questão respondida por quem já sofreu violência doméstica ou familiar provocada por homem. As entrevistadas responderam em relação à violência considerada por elas como a mais grave. O item sobre o término do relacionamento só foi respondido por quem tem ou teve vínculo amoroso com a pessoa que a agrediu.

No momento da pesquisa, 14% das catarinenses relataram a ocorrência de violência nos últimos 12 meses.

GRÁFICO 20

"Algum episódio de violência doméstica ou familiar ocorreu nos últimos 12 meses?" - População feminina - Santa Catarina - 2025

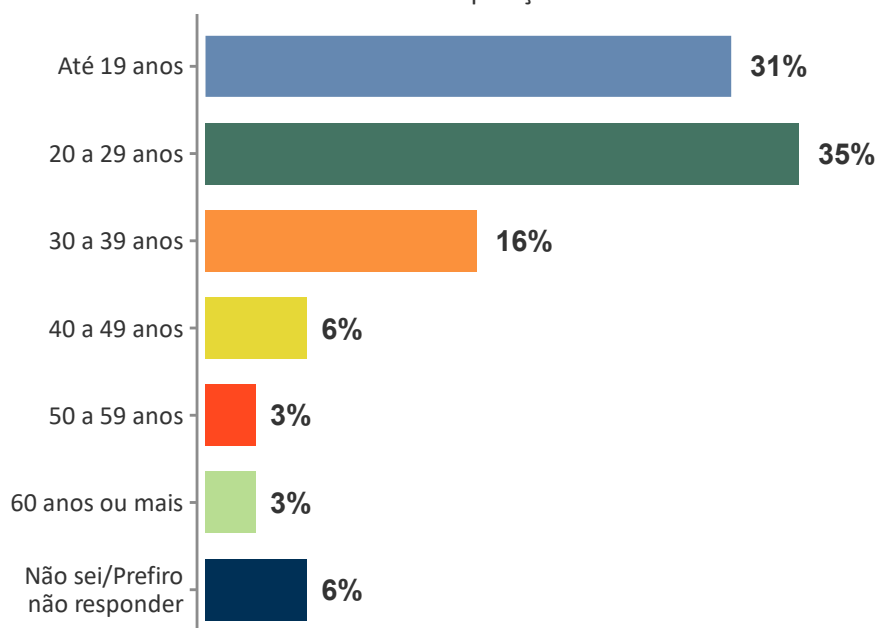


Fonte: Instituto de Pesquisa DataSenado - coleta de 16.5 a 8.7.2025.
Nota: Questão respondida por quem já sofreu violência doméstica ou familiar.

A faixa de idade da ocorrência da primeira agressão, na maioria dos casos, se dá de 20 a 29 anos da vítima.

GRÁFICO 21

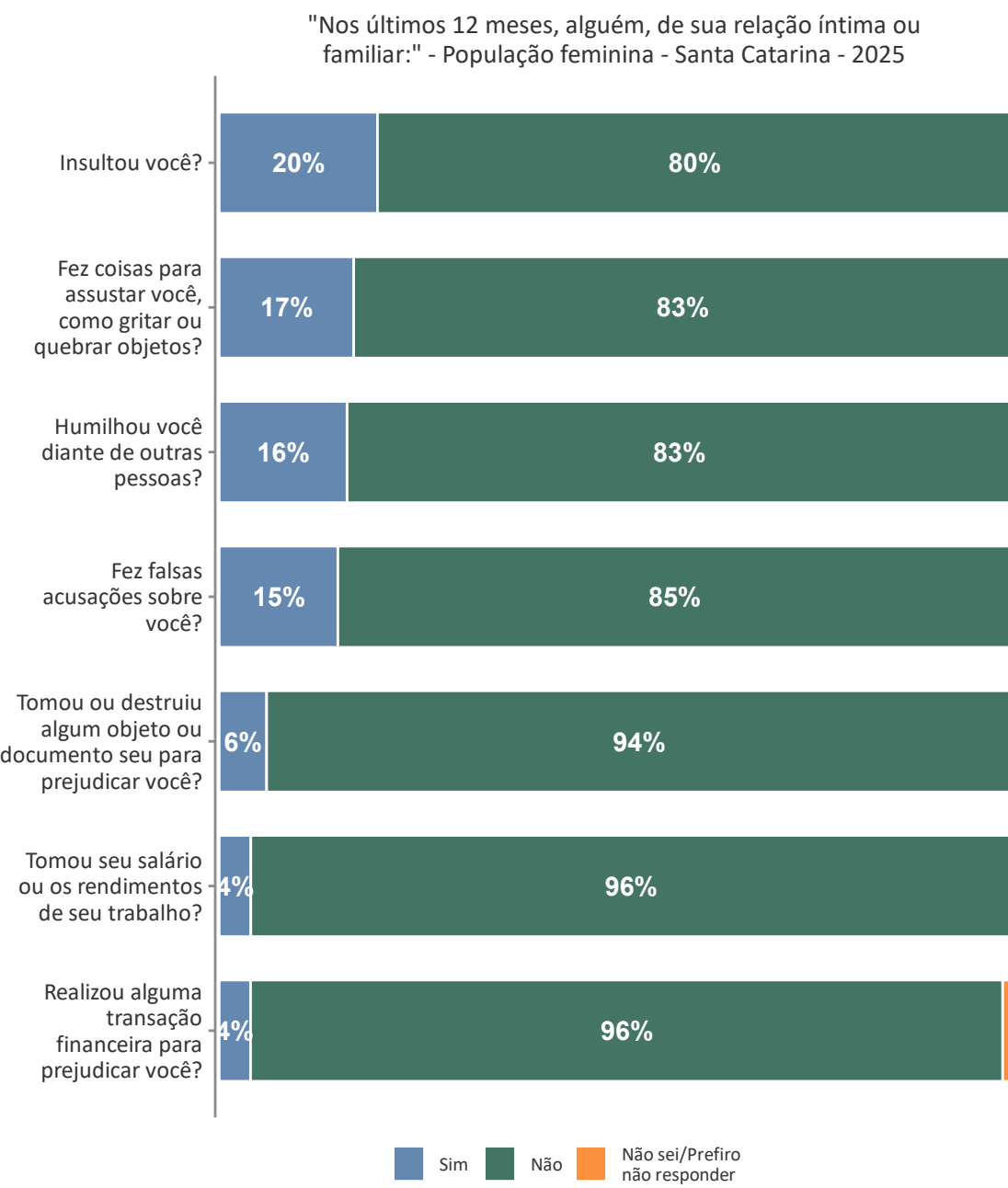
"Qual era a sua idade quando você foi agredida pela primeira vez?" - População feminina - Santa Catarina - 2025



Fonte: Instituto de Pesquisa DataSenado - coleta de 16.5 a 8.7.2025.
Nota: Questão respondida por quem já sofreu violência doméstica ou familiar.

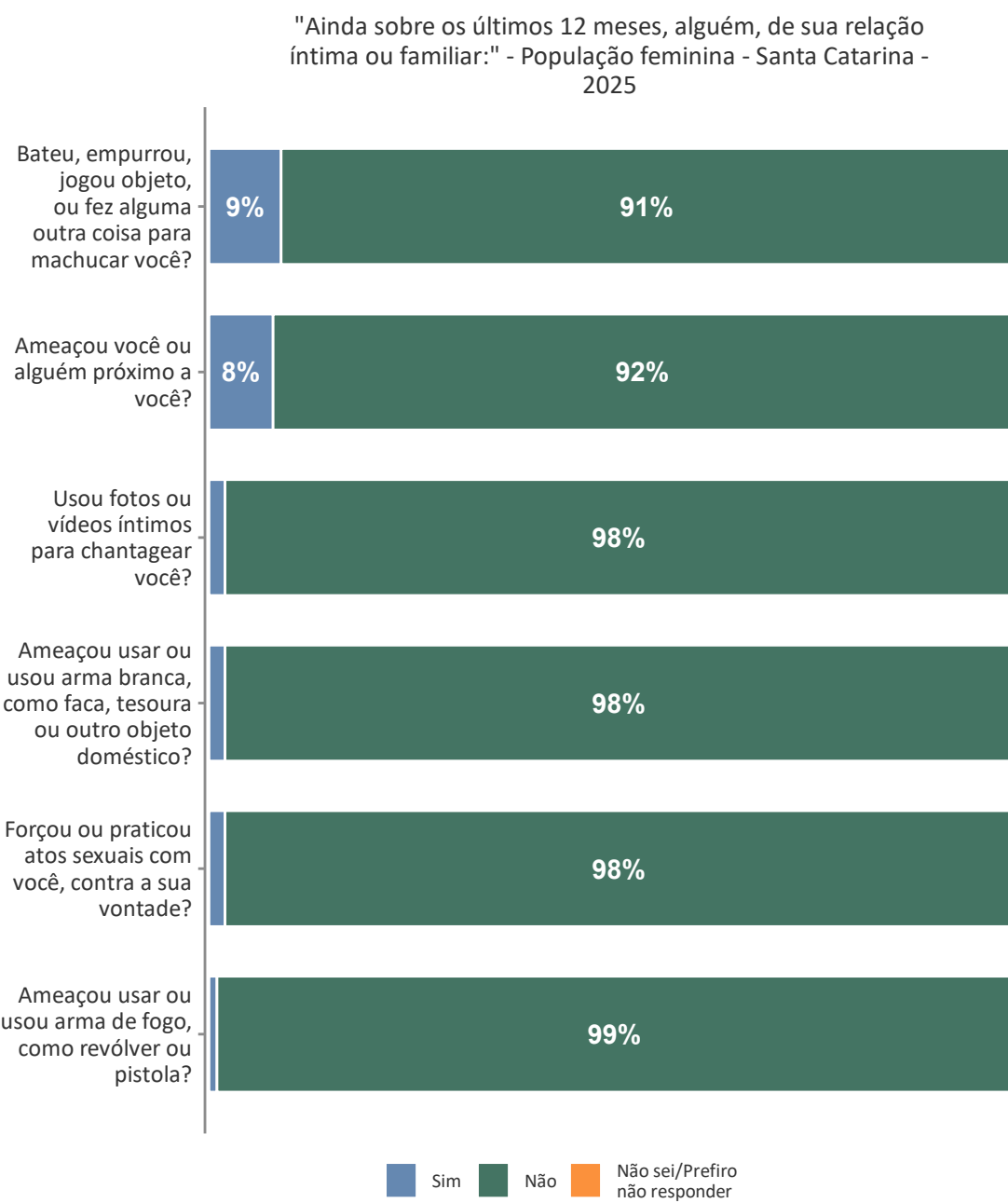
Ao serem questionadas sobre situações de violência ocorridas nos últimos 12 meses no âmbito íntimo ou familiar, a situação “Insultou você” foi a mais citada pelas mulheres de Santa Catarina.

GRÁFICO 22



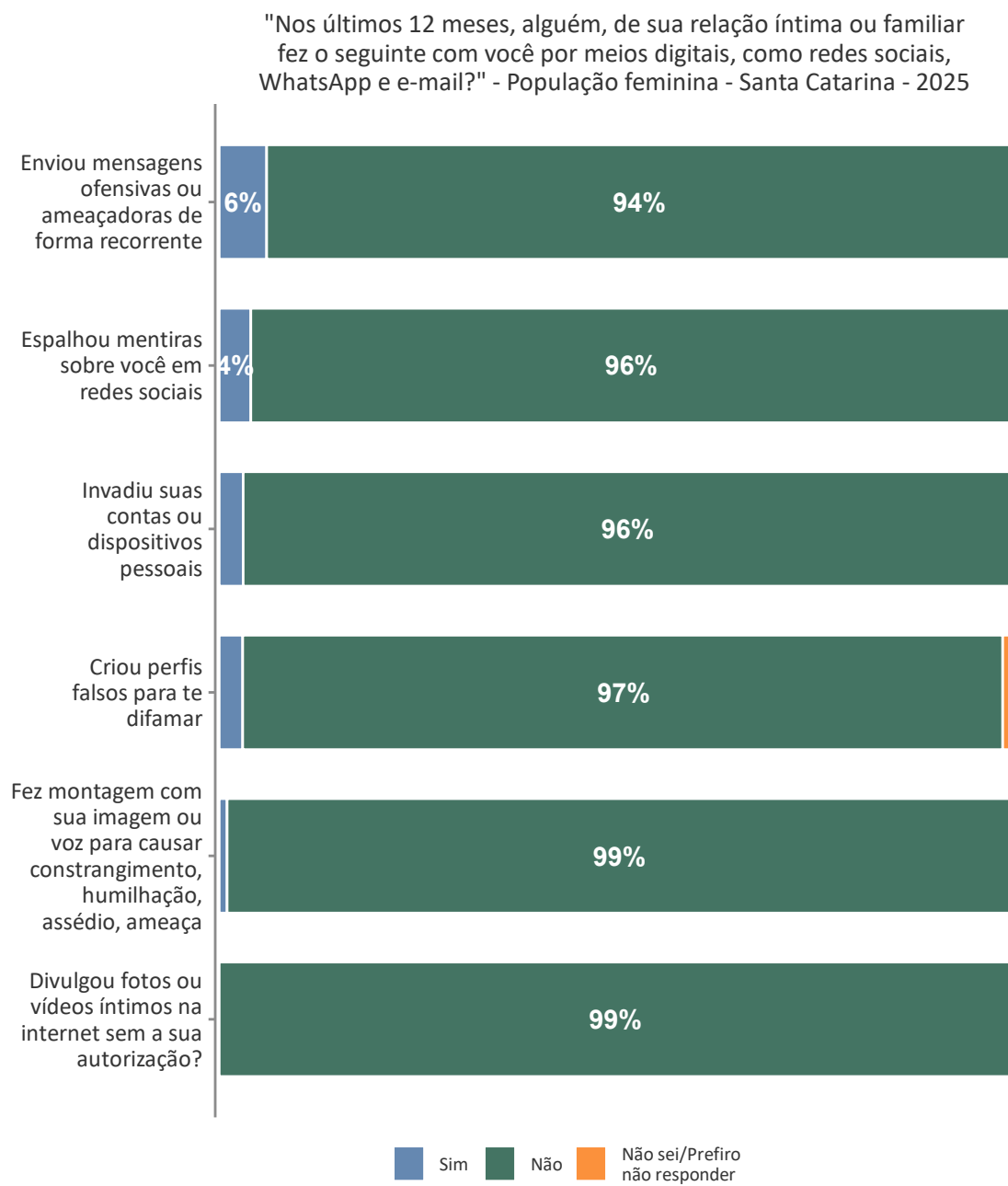
Fonte: Instituto de Pesquisa DataSenado - coleta de 16.5 a 8.7.2025.
Nota: Soma dos percentuais difere de 100% devido ao arredondamento.

GRÁFICO 23



Fonte: Instituto de Pesquisa DataSenado - coleta de 16.5 a 8.7.2025.
Nota: Soma dos percentuais difere de 100% devido ao arredondamento.

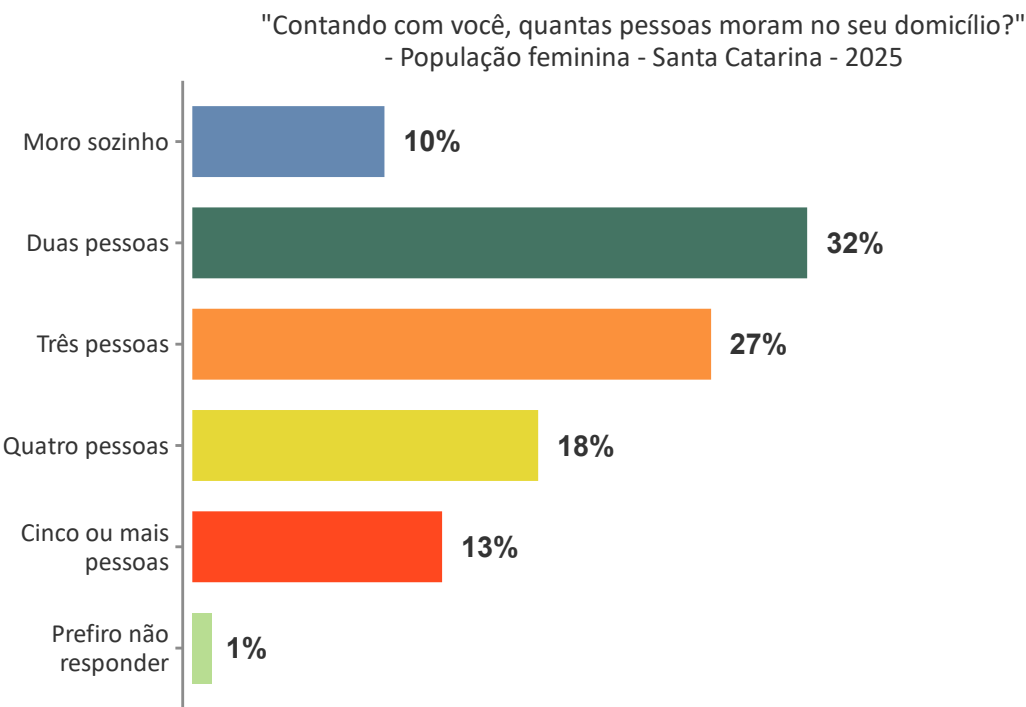
GRÁFICO 24



Fonte: Instituto de Pesquisa DataSenado - coleta de 16.5 a 8.7.2025.
Nota: Soma dos percentuais difere de 100% devido ao arredondamento.

PERFIL

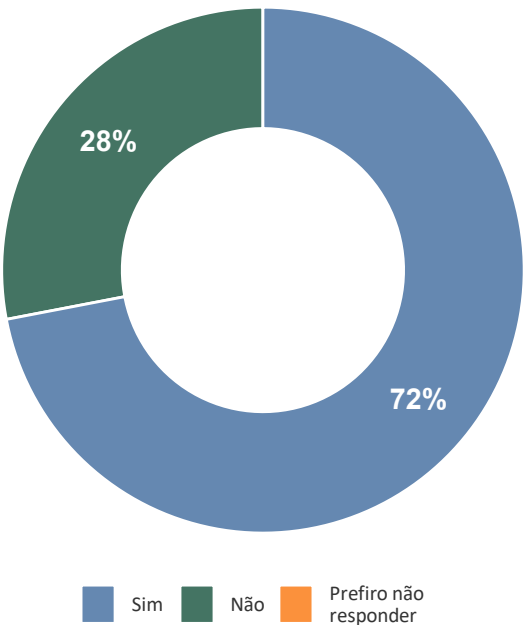
GRÁFICO 25



Fonte: Instituto de Pesquisa DataSenado - coleta de 16.5 a 8.7.2025.
Nota: Soma dos percentuais difere de 100% devido ao arredondamento.

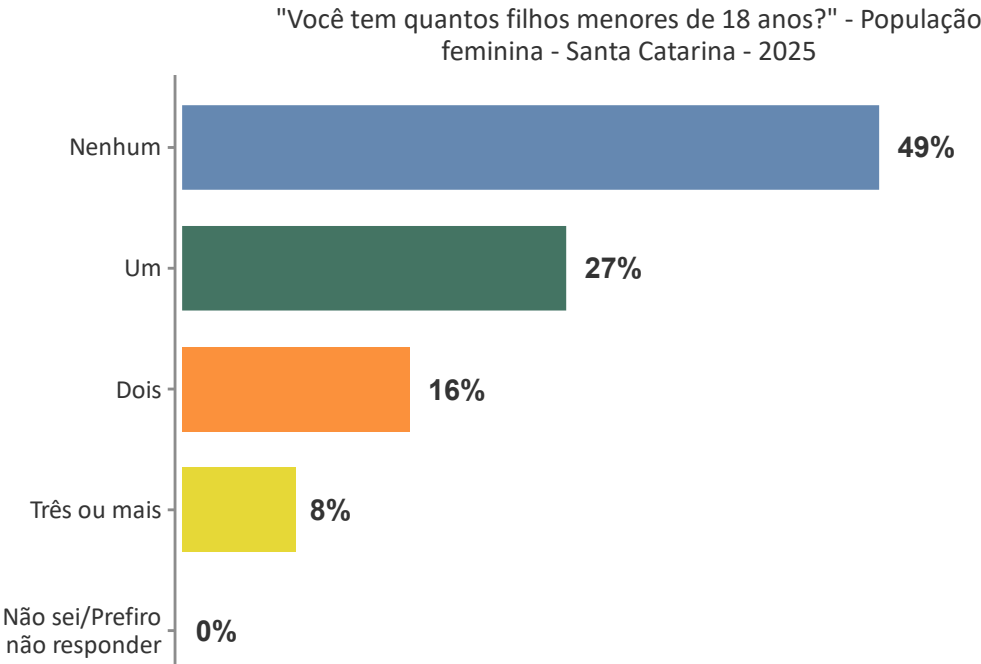
GRÁFICO 26

"Você tem filhos?" - População feminina - Santa Catarina - 2025



Fonte: Instituto de Pesquisa DataSenado - coleta de 16.5 a 8.7.2025.

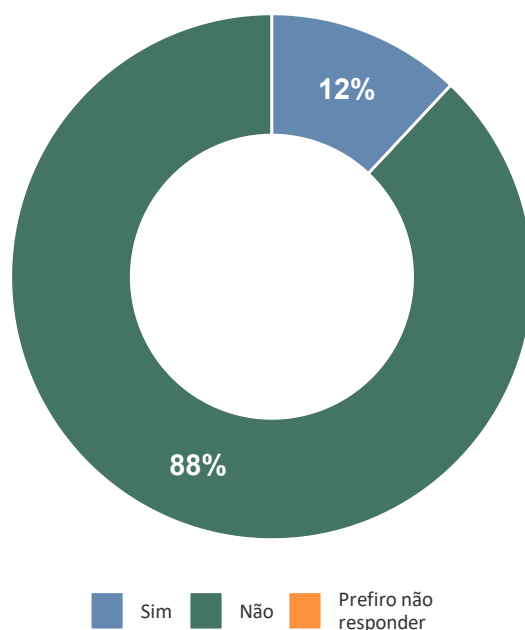
GRÁFICO 27



Fonte: Instituto de Pesquisa DataSenado - coleta de 16.5 a 8.7.2025.
Nota: Questão respondida por quem afirmou ter filhos.

GRÁFICO 28

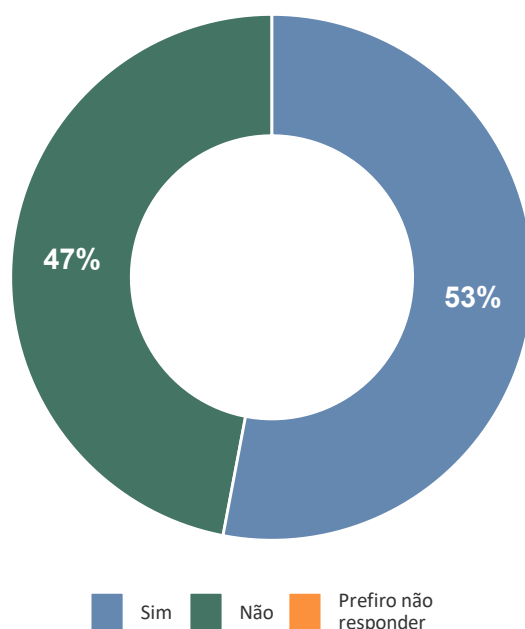
"Você possui alguma deficiência que limite sua vida em algum aspecto?" - População feminina - Santa Catarina - 2025



Fonte: Instituto de Pesquisa DataSenado - coleta de 16.5 a 8.7.2025.

GRÁFICO 29

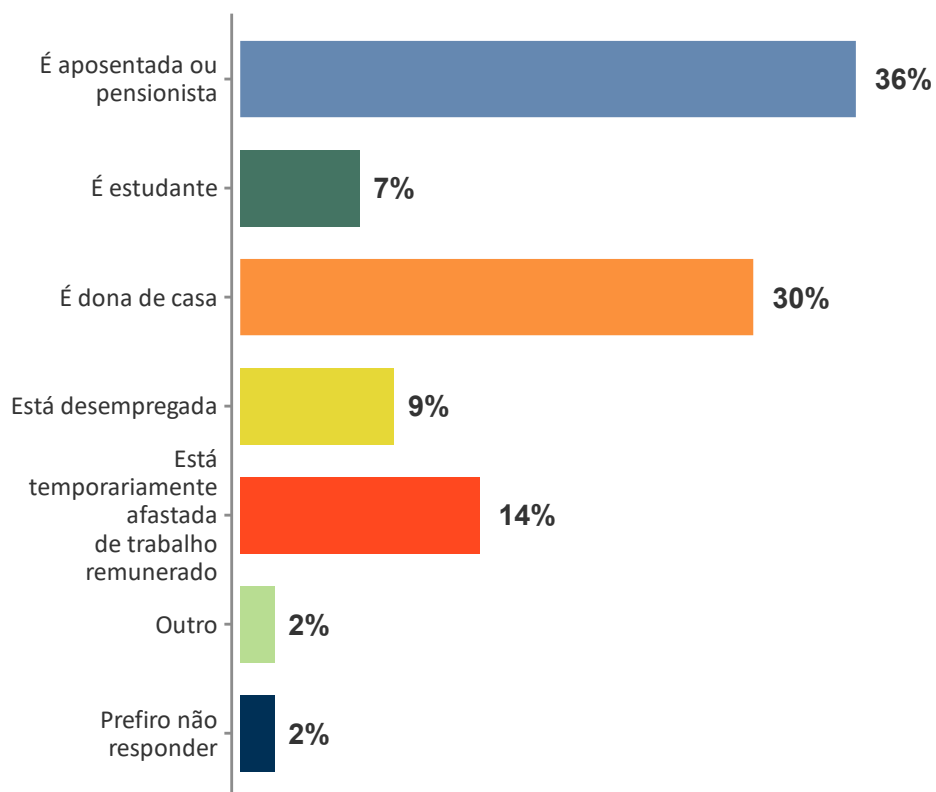
"Atualmente, você realiza algum trabalho remunerado?" - População feminina - Santa Catarina - 2025



Fonte: Instituto de Pesquisa DataSenado - coleta de 16.5 a 8.7.2025.

GRÁFICO 30

"Qual o motivo para você não estar realizando trabalho remunerado no momento? Você..." - População feminina - Santa Catarina - 2025

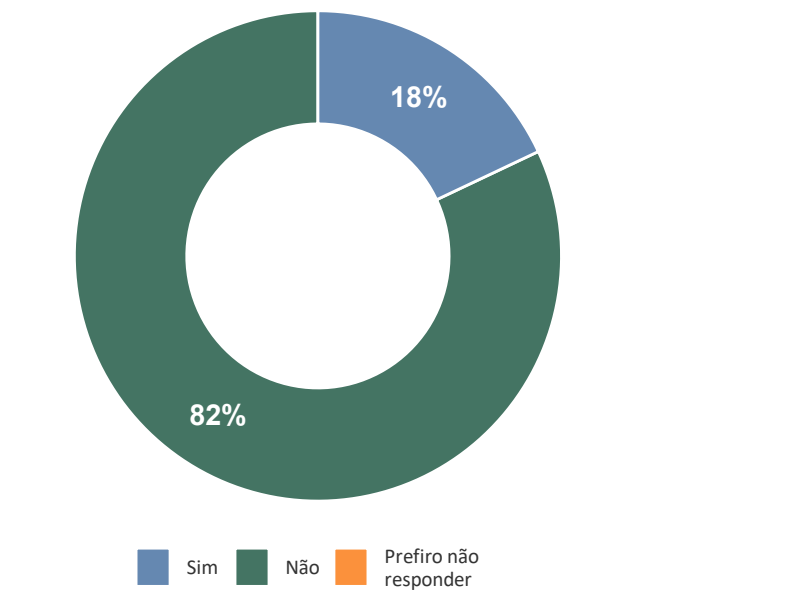


Fonte: Instituto de Pesquisa DataSenado - coleta de 16.5 a 8.7.2025.

Nota: Questão respondida por quem não realiza algum trabalho remunerado.

GRÁFICO 31

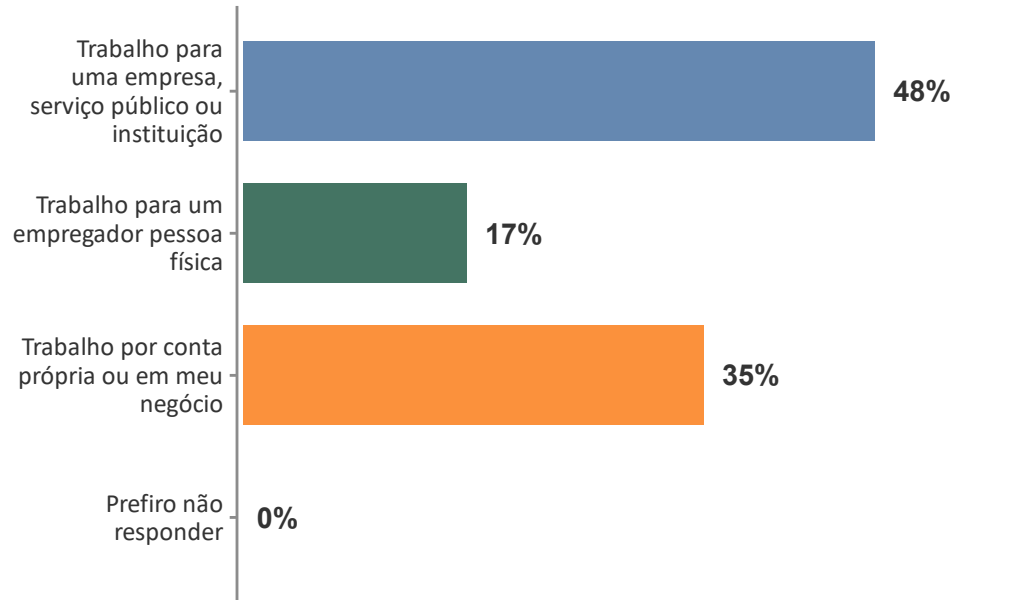
"Atualmente, você está procurando trabalho remunerado?" -
População feminina - Santa Catarina - 2025



Fonte: Instituto de Pesquisa DataSenado - coleta de 16.5 a 8.7.2025.
Nota: Questão respondida por quem não realiza algum trabalho remunerado, exceto quem está temporariamente afastado de trabalho remunerado.

GRÁFICO 32

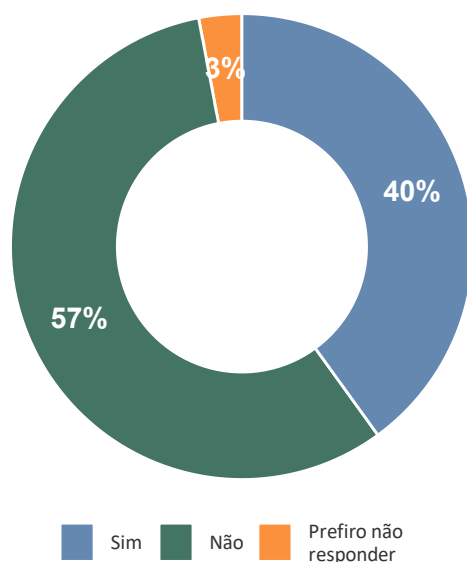
"Qual destas frases melhor descreve seu trabalho remunerado na sua principal ocupação?" - População feminina - Santa Catarina - 2025



Fonte: Instituto de Pesquisa DataSenado - coleta de 16.5 a 8.7.2025.
Nota: Questão respondida por quem realiza algum trabalho remunerado.

GRÁFICO 33

"Você é servidor (a) público (a) estatutário (a),
comissionado (a) ou militar?" - População feminina - Santa
Catarina - 2025

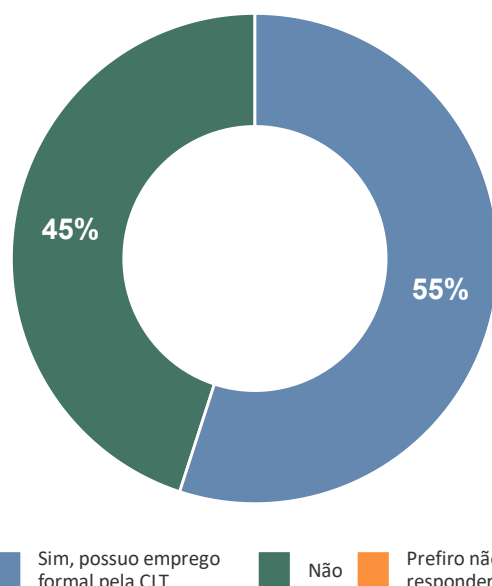


Fonte: Instituto de Pesquisa DataSenado - coleta de 16.5 a 8.7.2025.

Nota: Questão respondida por quem trabalha para uma empresa, serviço público ou instituição.

GRÁFICO 34

"Você possui carteira de trabalho assinada?" - População
feminina - Santa Catarina - 2025



Fonte: Instituto de Pesquisa DataSenado - coleta de 16.5 a 8.7.2025.

Nota: Questão respondida por quem trabalha para um empregador pessoa física ou não é servidor público.

GRÁFICO 35

"Seu negócio é formal ou informal?" - População feminina - Santa Catarina - 2025

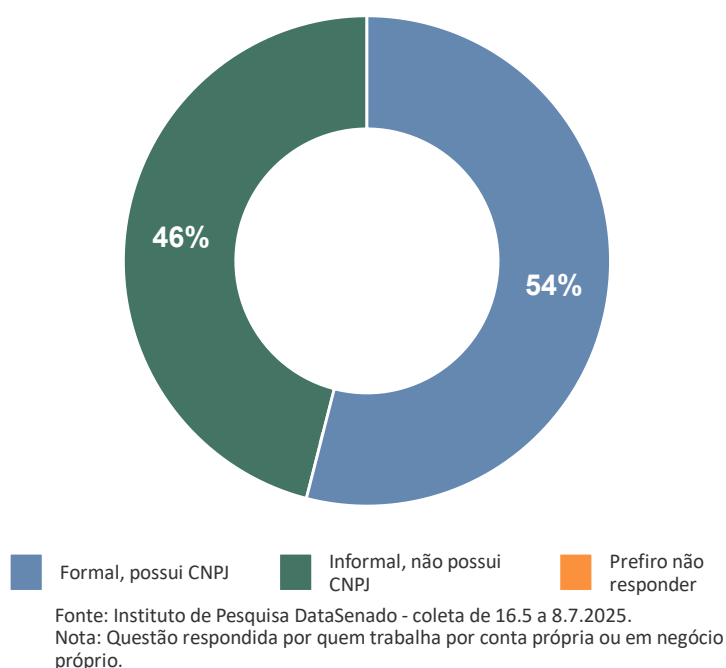


GRÁFICO 36

"Você consegue se sustentar com seu próprio dinheiro?" - População feminina - Santa Catarina - 2025

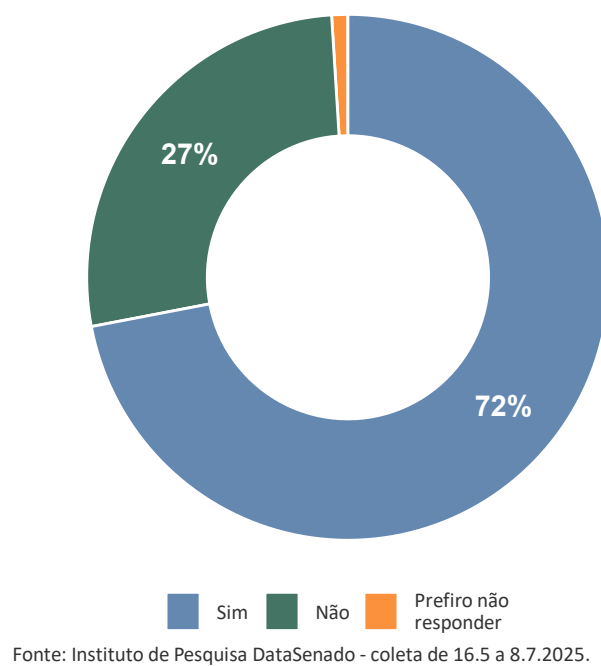
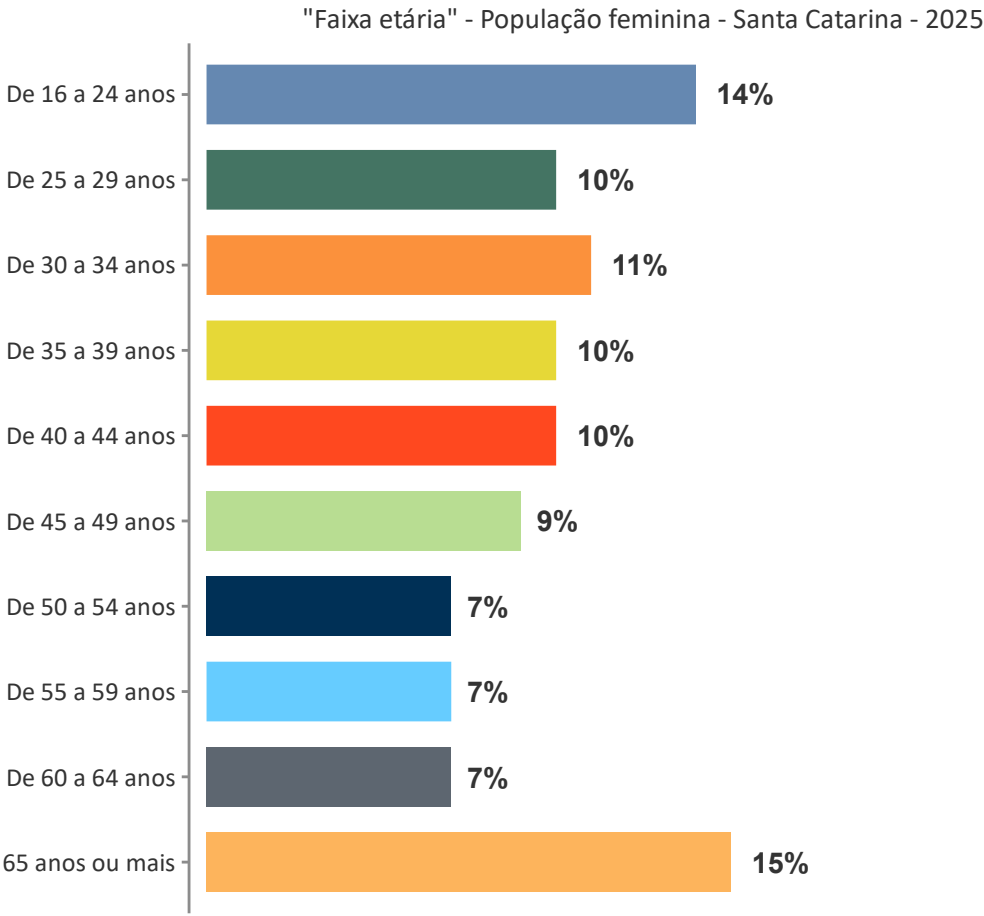


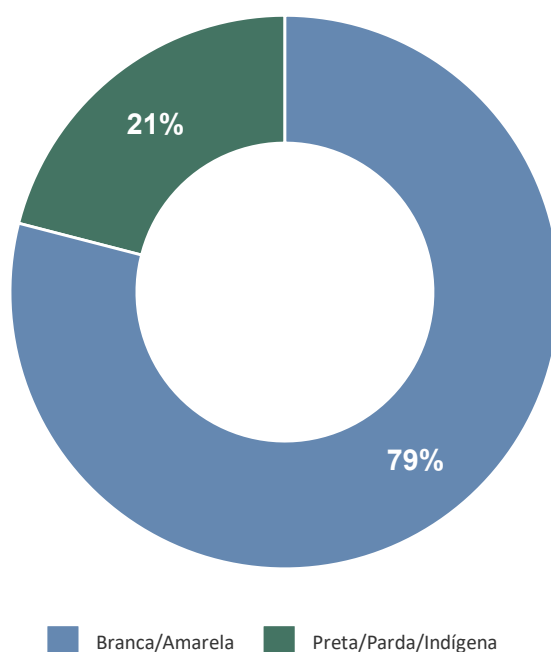
GRÁFICO 37



Fonte: Instituto de Pesquisa DataSenado - coleta de 16.5 a 8.7.2025.

GRÁFICO 38

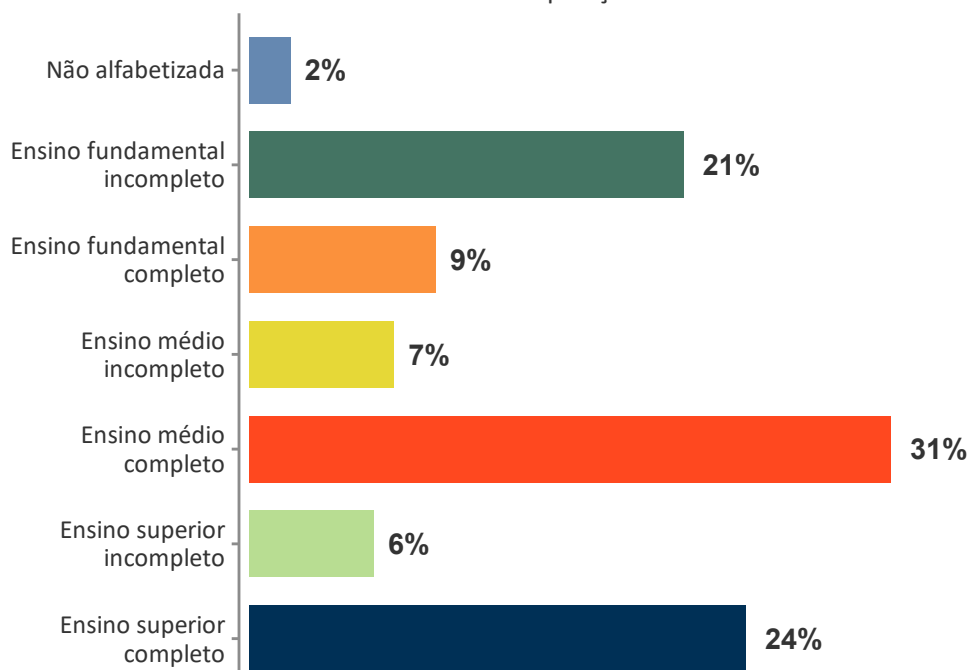
"Cor/raça" - População feminina - Santa Catarina - 2025



Fonte: Instituto de Pesquisa DataSenado - coleta de 16.5 a 8.7.2025.

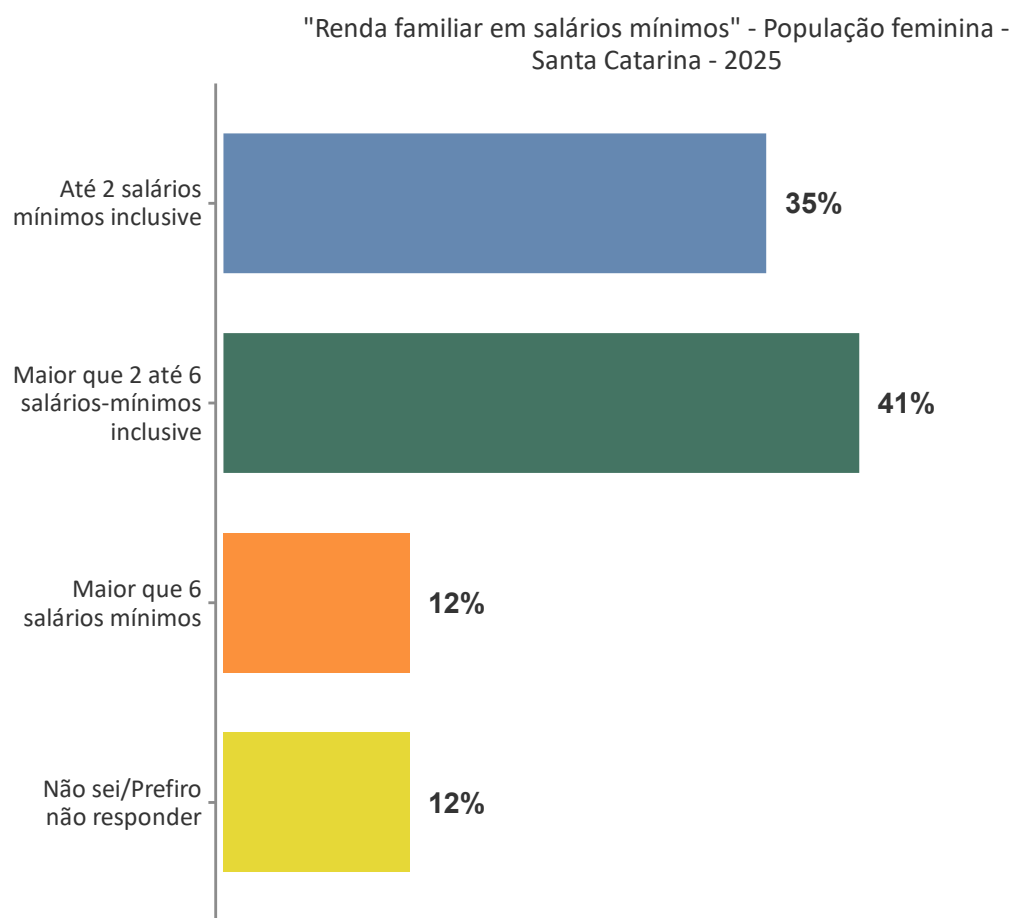
GRÁFICO 39

"Escolaridade" - População feminina - Santa Catarina - 2025



Fonte: Instituto de Pesquisa DataSenado - coleta de 16.5 a 8.7.2025.

GRÁFICO 40



Fonte: Instituto de Pesquisa DataSenado - coleta de 16.5 a 8.7.2025.

GRÁFICO 41

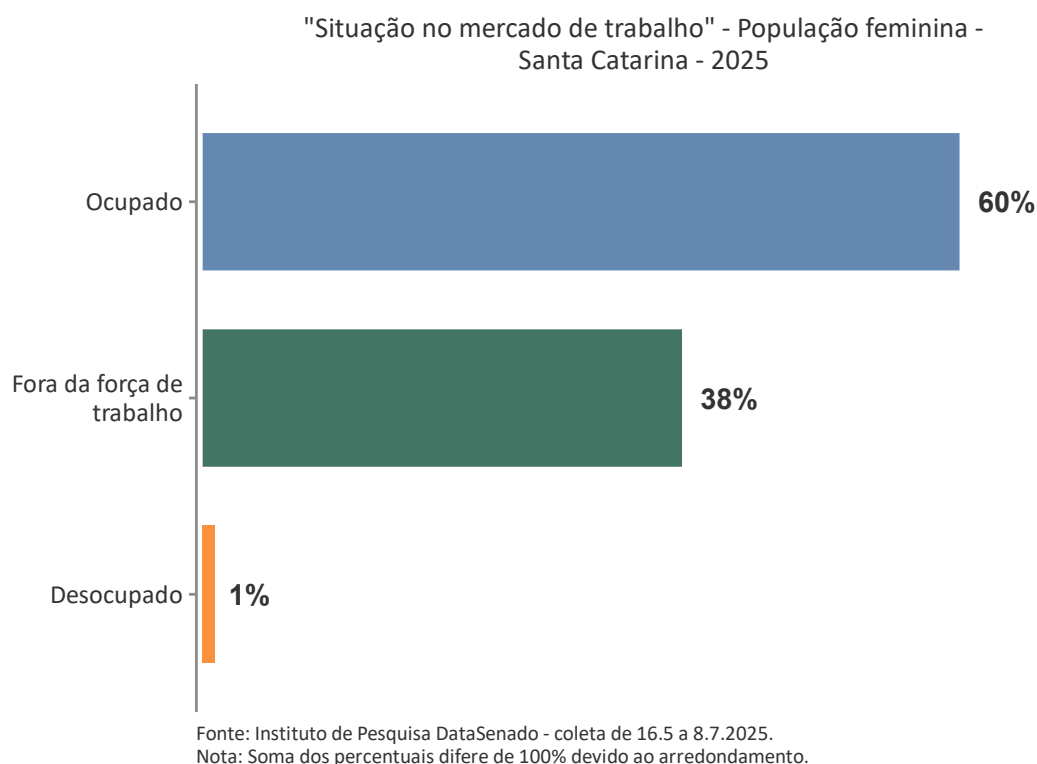


GRÁFICO 42

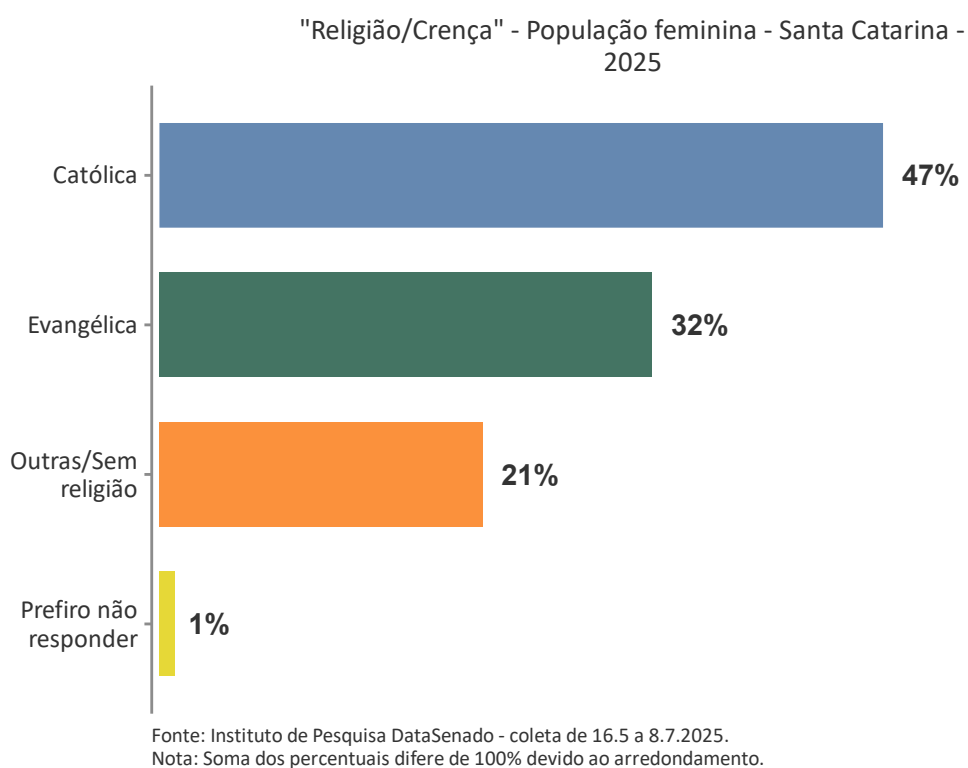
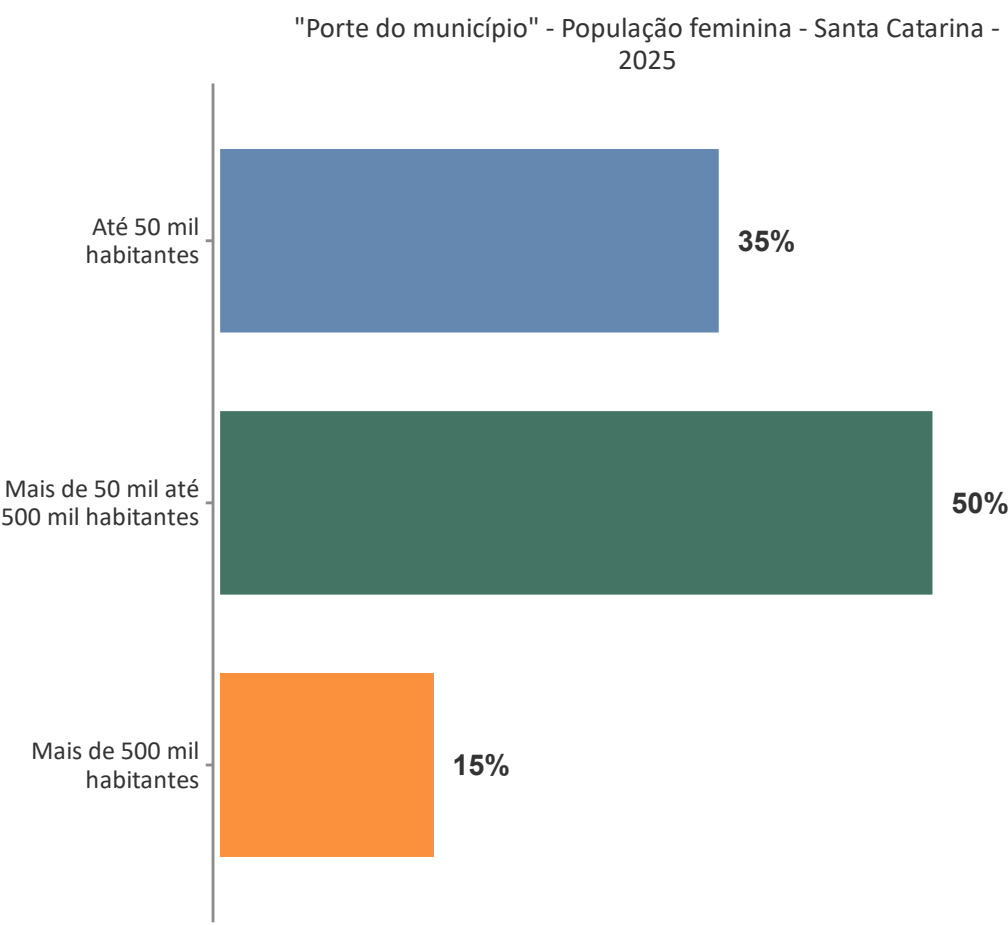
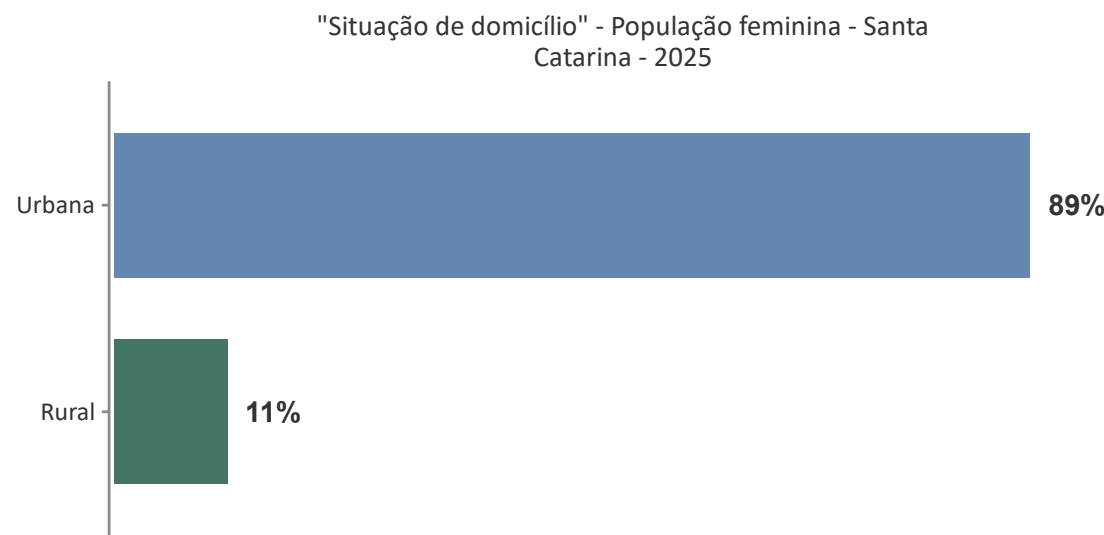


GRÁFICO 43



Fonte: Instituto de Pesquisa DataSenado - coleta de 16.5 a 8.7.2025.

GRÁFICO 44



Fonte: Instituto de Pesquisa DataSenado - coleta de 16.5 a 8.7.2025.

Método da pesquisa

A pesquisa Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher teve como população-alvo mulheres com 16 anos ou mais residentes no Brasil. As participantes foram selecionadas por meio de Amostragem Aleatória Estratificada². Os estratos foram definidos como sendo as 27 unidades da Federação (26 estados e Distrito Federal). A alocação foi uniforme por estrato. A amostra total foi composta por 21.641 entrevistas, com cerca de 800 em cada estrato.

A coleta de dados foi feita por meio de entrevistas telefônicas via CATI (Computer Assisted Telephone Interviewing). Nesse método, a entrevistadora segue roteiro disponibilizado em computador e composto por questionário estruturado, com questões objetivas e orientações para a condução da entrevista. Essa estrutura visa eliminar possíveis vieses de aplicação, bem como maximizar a aderência das cidadãs contatadas à pesquisa. A duração média da entrevista foi de 11'53" minutos, sendo 14'40" minutos para as mulheres que declararam já ter sofrido violência, e 10'32" minutos para as demais. As primeiras responderam perguntas adicionais sobre a violência sofrida.

Os números de telefone usados nas discagens foram gerados aleatoriamente a partir do arquivo de números habilitáveis disponibilizado pela Agência Nacional de Telecomunicações - Anatel. Esse método permite construir uma lista de discagem totalmente anônima e impessoal, sem qualquer vínculo com cadastros que contenham identificação das(os) titulares das linhas.

Ainda com o objetivo de preservar o total sigilo, anonimato e segurança das respondentes e, ao mesmo tempo, garantir a veracidade, precisão e validade das respostas, o DataSenado adota as seguintes medidas durante o processo de coleta de dados:

1. As entrevistas são totalmente anônimas, sem que se questione, em nenhum momento, o nome da entrevistada ou qualquer outra informação pessoal que permita sua identificação, mesmo que remota.
2. Todas as entrevistadoras são mulheres, o que favorece maior empatia entre entrevistada e entrevistadora, evitando possíveis constrangimentos ao tratar de aspectos da vida pessoal que possam parecer inadequados para compartilhar com homens.
3. As perguntas formuladas exigem, em sua maioria, respostas simples ou monossilábicas (como "sim", "não", "muito", "pouco", "nada", "aumentou", "diminuiu" etc.), o que permite à entrevistada responder de forma rápida e natural, independentemente de quem esteja ao seu lado, evitando desconfortos causados pela presença de terceiros.
4. A apresentação inicial da pesquisa é propositalmente genérica e evasiva ("Estamos realizando uma pesquisa sobre assuntos relevantes para o Brasil e sua opinião é muito importante"), especialmente para os casos em que um homem atende à ligação (45% das ocorrências de todas as ligações feitas durante a pesquisa). Isso evita constrangimentos

² Delineamento amostral que 'consiste na divisão de uma população em grupos (chamados estratos) segundo alguma(s) característica(s) conhecida(s) na população sob estudo, e de cada um desses estratos são selecionadas amostras em proporções convenientes' (BOLFARINE e BUSSAB, 2005, p. 93).

ou suspeitas sobre o tema da pesquisa ao repassar o telefone para a mulher que irá respondê-la.

5. Atendido o telefone e, após verificar se a entrevistada pertencia à população-alvo, a entrevistadora solicitava autorização para realizar a pesquisa.
6. Após a autorização inicial da entrevistada, a pesquisa tem início com perguntas gerais e amplas, para que se faça aproximação lenta e gradual entre a entrevistadora e respondente, de maneira que se construa uma, ainda que breve, relação de confiança para as respostas sobre temas ligados a violência.
7. As entrevistadoras são orientadas a encerrar imediatamente a entrevista caso a entrevistada demonstre desconforto ou manifeste desejo de interromper o diálogo.
8. As entrevistadas são informadas sobre a existência do Ligue 180, canal de apoio em casos de violência.
9. As entrevistadoras também orientam sobre os canais oficiais do Senado Federal que permitem verificar a autenticidade da pesquisa (os canais são os apresentados em <https://www12.senado.leg.br/institucional/falecomosenado>). Essas medidas reforçam o compromisso do Senado Federal com a segurança das entrevistadas e com a obtenção de respostas que reflitam, de forma fiel, a realidade das mulheres no Brasil.

Para compor a amostra, foram realizadas ligações telefônicas para todo o país. A quantidade de números fixos e móveis sorteados na amostra foi estabelecida de forma a garantir que, por estrato, a probabilidade de sorteio de qualquer número fosse a mesma, independente de se tratar de telefone fixo ou móvel.

Foram auditadas 21% das entrevistas, verificando itens como cordialidade, leitura fluente, marcação correta das respostas, não direcionamento das respostas, dentre outros aspectos de qualidade e imparcialidade durante a aplicação da pesquisa. No cômputo dos resultados, foi aplicada técnica de análises de pesquisas com amostras complexas, que leva em conta três aspectos: taxas de respostas, probabilidades de seleção das entrevistadas e características sociodemográficas da população-alvo. Esses aspectos foram considerados na ponderação por meio do cálculo de três fatores, que, juntos, resultaram em peso amostral que permite obter estimativas para a população-alvo da pesquisa.

As estimativas das taxas de respostas, calculadas por estrato e tipo de telefonia, foram obtidas de forma equivalente à Response Rate 6 (RR6) da American Association for Public Opinion Research (AAPOR, 2023, p. 85-86), a partir dos metadados das discagens telefônicas, coletados no decorrer da pesquisa. A taxa de resposta assim calculada foi de 14,7%. A probabilidade de seleção das entrevistadas foi calculada com base na quantidade de pessoas que compartilhavam cada uma dessas linhas e no total de linhas habilitadas alcançadas na pesquisa em relação ao total de linhas habilitadas no Brasil por UF, segundo as estatísticas mais recentes da Anatel.

Nos resultados nacionais, os pesos foram ajustados para refletirem a proporção da população feminina por estrato, segundo as seguintes características sociodemográficas: idade, escolaridade, raça/cor, situação do domicílio (rural ou urbana), porte do município e condição de ocupação. Para tanto, foi utilizado o método rake, considerando: 1. Para as informações de sexo, idade, escolaridade, raça/cor, situação do domicílio e condição de ocupação: a distribuição da

população brasileira de mulheres com 16 anos ou mais, segundo os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua – PNAD Contínua, do IBGE, do 2º trimestre de 2025. 2. Para o porte do município: a distribuição da população por porte de município: até 50.000 habitantes, de 50.001 a 500.000 habitantes e mais de 500.000 habitantes, de acordo com os dados da Estimativa Populacional 2025 divulgada pelo IBGE no Diário Oficial da União de 28 de agosto de 2025.

Quanto às margens de erro da pesquisa, o uso do método acima permitiu calcular a margem de erro de cada uma das milhares de estimativas divulgadas no relatório. O nível de confiança utilizado nesses cálculos foi de 95%. Dessa forma, não existe uma única margem de erro para toda a pesquisa. Não obstante, considerando as estimativas para tabelas simples em que todas as mulheres foram entrevistadas de Santa Catarina, sem cruzamentos ou filtros (801), tem-se que, em média, a margem de erro observada foi de 2,31%, com desvio padrão de 1,61%. Para mais detalhes, ver Tabela 1.

Os percentuais estimados e divulgados no relatório foram arredondados de acordo com o seguinte critério: para números com decimal menor que 0,5, foi mantida a parte inteira; e para números com decimal maior ou igual a 0,5, adicionou-se uma unidade à parte inteira do número. O uso desse método de arredondamento faz com que, em alguns casos, a soma dos percentuais de gráficos e de algumas colunas das tabelas seja diferente de 100%, para mais ou para menos, sem que isso implique erro de cálculo.

Ficha técnica

Secretaria de Transparência

Isadora de Castro Selos – Diretora

Marcos Ruben de Oliveira – Coordenador-Geral e estatístico responsável

Instituto de Pesquisa DataSenado

José Henrique de Oliveira Varanda – Coordenador

Rolf Regehr – Chefe de Serviço de Pesquisa e Análise

Anderson Ferreira Dos Santos

Sidney da Silva Pereira Bissoli

Equipe Técnica

Ângela Barbosa Reis Lúz

Aretha Pessanha Cordeiro

Arthur Lima Gomes

Damião Flávio dos Santos

Danilo Freire Holanda de Paiva

Gabriele Lima Gomes

Lucas Caires de Sousa

Pedro Leonardo C. M. Barbosa

Vinicius Regadas S. Montezuma

Coleta de Dados

NEXUS Pesquisa e Inteligência de Dados Ltda.